

MATEUS ELIAS DOS SANTOS

**A TERRA TREME NO HAITI: A NARRAÇÃO
SEQUENCIADA NA COBERTURA PELO
*JORNAL NACIONAL***

VIÇOSA – MG

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO DA UFV

2010

MATEUS ELIAS DOS SANTOS

**A TERRA TREME NO HAITI: A NARRAÇÃO
SEQUENCIADA NA COBERTURA PELO
*JORNAL NACIONAL***

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

ORIENTADORA: Soraya Maria Ferreira Vieira

VIÇOSA – MG

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO DA UFV

2010



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *A terra treme no Haiti: a narração sequenciada na cobertura pelo Jornal Nacional*, de autoria do estudante Mateus Elias dos Santos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Soraya Maria Ferreira Vieira – Orientadora
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Profa. Ms. Janaina de Oliveira Nunes Ribeiro
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

João Batista Mota
Jornalista da Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância da UFV

Viçosa, 24 de novembro de 2010

Num momento de crise, o que se quer é informação e emoção em estado bruto, sem a reflexão posterior que normalmente temos ao escrever e reescrever um texto.

Rodrigo Alvarez

RESUMO

A narração sequenciada consiste na atuação mais enfática do repórter de televisão no cenário onde se desdobram as cenas de um acontecimento. Tal técnica de relato jornalístico tem como características um número maior de vezes em que o repórter fala olhando diretamente para a câmera e, principalmente, sua narração, que se dá enquanto ele segue caminhando pelo local dos fatos, no exato momento em que a câmera capta as imagens para a matéria televisiva. Esta é transmitida praticamente sem edição, mantendo a sequência da narração criada pelo repórter. Nesta pesquisa, analisamos as potencialidades e limitações presentes na narração sequenciada, técnica amplamente utilizada por emissoras de televisão na cobertura do terremoto que atingiu o Haiti em janeiro de 2010. Escolhemos como objeto de estudo as matérias produzidas pelos enviados especiais da Rede Globo ao país – Lília Teles, Rodrigo Alvarez e o cinegrafista Luiz Cláudio Azevedo – para o *Jornal Nacional*. Trazemos os elementos da linguagem televisiva – atentando para a importância da TV como meio de comunicação de massa capaz de absorver as outras mídias e formas de cultura –, bem como os elementos da linguagem telejornalística – ressaltando os elogios e críticas mais recorrentes feitos a esse gênero televisivo. Discutimos o modo como as novas tecnologias têm alterado as rotinas de produção telejornalística, desde a captação de imagens até a exibição das matérias aos telespectadores. Apresentamos o Haiti sob o ponto de vista histórico, tratamos dos critérios utilizados pelo *Jornal Nacional* para determinar como serão suas coberturas e abordamos a metodologia aplicada em nosso trabalho. Enfim, analisamos as narrações sequenciadas, a fim de traçar um panorama contendo suas possibilidades e limites enquanto técnica de relato telejornalístico. Verificamos que a principal potencialidade foi a humanização do relato do repórter, obtida por meio de sua narração mais subjetiva dos fatos, devido às condições de cobertura. A maior limitação disse respeito à não-apresentação de um panorama mais abrangente acerca da situação no país como um todo, o que faz da técnica um modelo a ser empregado em situações bastante específicas.

PALAVRAS-CHAVE

Narração sequenciada, telejornalismo internacional, terremoto no Haiti.

ABSTRACT

The sequenced narration consists in a more emphatic role of TV reporter on the place where the scenes of an event happen. This journalistic report technique has, as its characteristics, a greater number of times in which the reporter speaks looking directly at the camera and, especially, his narration, made while he walks through the place of the events, at the exact moment in which the camera captures the images for television. This report is broadcasted with virtually no editing, maintaining the sequence of the narrative created by the reporter. In this research, we analyze the potential and limitations present in the sequenced narration, which was a technique widely used by television stations in the coverage of the earthquake that struck Haiti in January 2010. We chose as the object of study the reports produced by the special envoys from *Rede Globo* – Lilia Teles, Rodrigo Alvarez and cameraman Luiz Cláudio Azevedo – for the newscast *Jornal Nacional*. We bring the elements of television language – paying attention to the importance of television as a means of mass communication able to absorb the other media and forms of culture – as well as the elements of TV news language – highlighting the most frequent praises and criticism made to this television genre. We discuss how new technologies have changed the routines of TV news production, from the images capturing to the reports displaying to the viewers. We present Haiti under the historical point of view, we show the criteria used by *Jornal Nacional* to determine its coverage of the facts and we address the methodology applied in our work. Finally, we analyze the sequenced narrations in order to draw a panorama containing their possibilities and limits while a journalistic report technique. We found that the biggest potential was the humanization of the reporter's account, obtained through his subjective narration of the facts, considering the coverage conditions. The main limitation was the failure to present a more comprehensive panorama about the situation in the country as a whole, which makes the technique a model to be used in very specific situations.

KEY WORDS

Sequenced narration, international TV news, Haiti earthquake.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sargento Luís Diego Moraes: obtida no <i>site</i> do Fantástico no dia 8 de outubro de 2010.....	19
Figura 2 – Band Repórter Celular: obtida no <i>site</i> YouTube no dia 8 de outubro de 2010	20
Figura 3 – Márcio Gomes: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010....	21
Figura 4 – Márcio Gomes: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010....	21
Figura 5 – Márcio Gomes: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010....	22
Figura 6 – José Roberto Burnier: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010.....	29
Figura 7 – José Roberto Burnier: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010.....	30
Figura 8 – José Roberto Burnier: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010.....	30
Figura 9 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010.	31
Figura 10 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	31
Figura 11 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	32
Figura 12 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	32
Figura 13 – Mapa do Haiti: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010...	36
Figura 14 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	38
Figura 15 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	39

Figura 16 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	40
Figura 17 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	41
Figura 18 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	42
Figura 19 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	42
Figura 20 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	43
Figura 21 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	44
Figura 22 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	45
Figura 23 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	46
Figura 24 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	47
Figura 25 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	49
Figura 26 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	50
Figura 27 – Lília Teles: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	51
Figura 28 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	53
Figura 29 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	53
Figura 30 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	54
Figura 31 – Rodrigo Alvarez: obtida no <i>site</i> do Jornal Nacional no dia 8 de outubro de 2010	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – A TELEVISÃO E SUAS LINGUAGENS	11
1.1 – A televisão	11
1.2 – O telejornalismo	13
CAPÍTULO 2 – AS MUDANÇAS PROVOCADAS NO TELEJORNALISMO PELAS NOVAS TECNOLOGIAS	18
CAPÍTULO 3 – A COBERTURA DO TERREMOTO FEITA PELO <i>JORNAL NACIONAL NO HAITI</i>	24
3.1 – Um país arrasado, antes e depois do terremoto.....	24
3.2 – Os critérios utilizados pelo <i>JN</i> para determinar cada tipo de cobertura.....	27
3.3 – A narração sequenciada como técnica de relato telejornalístico	28
3.4 – A metodologia para a escolha e análise das narrações sequenciadas.....	33
CAPÍTULO 4 – AS NARRAÇÕES SEQUENCIADAS	36
4.1 – Panorama é de caos no Haiti.....	37
4.2 – Aeroporto de Porto Príncipe vira base para jornalistas	41
4.3 – Porto Príncipe tem milhares de desabrigados, sem água e sem comida.....	44
4.4 – Acompanhe um resgate emocionante de uma sobrevivente em Porto Príncipe	48
4.5 – Porto Príncipe vive situação caótica depois de terremoto	52
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

O surgimento da televisão alterou profundamente a produção de notícias. Desde então, tornou-se essencial a presença de equipes de TV no local dos acontecimentos, pois para esse meio de comunicação não basta a simples exposição dos fatos, como na mídia impressa e no rádio. É preciso que imagens sobre o assunto abordado sejam captadas e exibidas aos telespectadores.

Embora o telejornalismo costume despertar maior interesse do público por contar com imagens em movimento e um relato mais atrativo de quem está intimamente ligado aos fatos, apresentadores e repórteres geralmente assumem papel de neutralidade diante do que noticiam, sem comentar ou opinar nas reportagens. Nesse caso, permanece a tradição herdada dos outros veículos de comunicação, que separam claramente a informação de sua análise.

O advento das novas tecnologias provocou, no jornalismo como um todo, inúmeras mudanças em seu modo de produzir notícias. Ao telejornalismo, o uso do computador passou a permitir que se editasse e transmitisse a reportagem pronta para a redação de maneira muito mais rápida e segura, principalmente em coberturas realizadas em locais com condições bastante precárias de mobilidade, ou mesmo devido à falta de tempo. A própria captação de imagens tem sido feita, atualmente, ainda que de modo experimental, por meio de telefones celulares capazes, inclusive, de transmitir ao vivo o que é filmado.

Na cobertura das consequências do terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti, o que se viu foram as emissoras de televisão inovando na linguagem das reportagens lá produzidas, em virtude tanto da falta de estrutura física para a realização de um trabalho mais tradicional, conforme o encontrado no dia a dia, quanto do tempo escasso para finalizar e enviar as matérias, seja por satélite ou via internet, para a redação dos telejornais. Na ocasião, os repórteres apenas narravam o que viam, ao percorrer as regiões mais devastadas da capital do país, Porto Príncipe, e isso se dava no exato instante das gravações.

Essa técnica de narrar o que se presencia, no mesmo momento em que a câmera vai filmando o cenário dos acontecimentos, foi largamente utilizada pelos enviados especiais da Rede Globo ao Haiti – os repórteres Lília Teles e Rodrigo Alvarez e o cinegrafista Luiz Cláudio Azevedo, na cobertura da catástrofe pelo Jornal Nacional. Lília Teles chama esse tipo de reportagem, a qual é nosso objeto de estudo, de narração sequenciada¹. Outros de seus

¹ Denominação dada pela repórter Lília Teles em entrevista, via e-mail, ao autor deste trabalho, em 26 de agosto de 2010 (ver anexo A).

atributos são a presença de um número maior de passagens² e o fato de todo o *off*³ ser gravado enquanto a câmera registra as cenas da narração, bem como o raro uso de sonoras⁴.

O problema para o qual buscamos respostas é: quais as potencialidades e as limitações da narração sequenciada?

Nossa hipótese é a de que a grande potencialidade da narração sequenciada é a humanização do relato feito pelo repórter no cenário dos acontecimentos, o que é possível por meio da subjetividade com a qual ele trata as informações. Quanto às limitações, acreditamos que a narração sequenciada deixa de apresentar um panorama mais amplo da situação encontrada no local da cobertura e que a linguagem coloquial, os erros gramaticais e a repetição de informações a tornam uma técnica restrita a ocasiões bem específicas de cobertura, como foi a do terremoto que atingiu o Haiti.

Nossa análise se dará sobre as narrações sequenciadas produzidas para o Jornal Nacional, nos dias em que os enviados especiais da Rede Globo ao país estiveram no local do terremoto. Serão consideradas as várias ações do repórter como testemunha ocular da situação encontrada no cenário pelo qual ele caminha enquanto fala: seus gestos, sua fala, sua interação com o cinegrafista e também com o telespectador etc.

No primeiro capítulo deste trabalho, destacamos as principais características das linguagens televisiva e telejornalística. O segundo capítulo trata de algumas mudanças provocadas no telejornalismo por conta das novas tecnologias e como esse gênero televisivo tem se apropriado de tais ferramentas. No terceiro capítulo, traçamos um breve histórico do Haiti, abordamos os critérios adotados pelo Jornal Nacional para definir o modelo de suas coberturas e apresentamos a metodologia empregada na análise das narrações sequenciadas produzidas no país do terremoto. O último capítulo, por fim, se atém à análise das narrações sequenciadas, com o objetivo de responder à pergunta do problema, apontando as potencialidades e as limitações presentes nessa técnica de relato telejornalístico.

² Momento em que o repórter fala olhando diretamente para a câmera.

³ Áudio com a voz do repórter durante a exibição das imagens da matéria.

⁴ Falas de pessoas que servem como fontes à matéria.

1 – A TELEVISÃO E SUAS LINGUAGENS

1.1 – A televisão

A invenção da televisão, na década de 1920, em Londres, na Inglaterra⁵, foi possível graças a inúmeros aperfeiçoamentos técnicos nos meios que a antecederam, especialmente o cinema – que descobriu a expressão cinética – e a fotografia – com a mecanização da captação de imagens. Com o passar do tempo, a televisão foi ganhando popularidade e se tornou um meio de comunicação “de massa”.

Comunicação de massa é aquele tipo de comunicação que ocorre entre um emissor e uma multiplicidade de receptores espalhados através de um campo geográfico e social, isto é, receptores sem qualquer conexão entre si. [...] Comunicação de massa está em contraste direto com a comunicação pessoa a pessoa na qual o emissor escolhe seu receptor e o receptor aceita seu emissor. Comunicação de massa é, desse modo, um processo no qual uma pessoa fala para muitas, e é assim compelida a ignorar os traços distintivos destas últimas: numa margem ampla, a comunicação de massa é anônima. Ela leva seus receptores em consideração apenas como um público-meta cujas propriedades receptoras, especialmente seu repertório de signos, são consideradas como mais ou menos homogêneas, de modo que apenas seus traços gerais são levados em consideração (MOLES apud SANTAELLA, 2003, p. 33)

Entretanto, Lúcia Santaella prefere incluir a televisão na chamada “cultura das mídias”, porque “[...] havia a previsão de que o advento da comunicação e cultura informatizadas e interativas [...] iria provocar tanto ou mais efeitos de transformação sobre a cultura de massas quanto esta havia provocado na antiga polaridade entre a cultura erudita e popular” (ibidem, p. 10).

Desde o surgimento e popularização da televisão, não faltaram elogios e também críticas a esse veículo de comunicação:

[...] é inegável o papel da televisão como dinamizador cultural, formador de opinião, difusor do conhecimento e, obviamente, de entretenimento. [...] Mas o que faz com que a televisão receba tantas críticas? Pode-se afirmar que é pela capacidade inovadora que ela traz consigo quanto à abrangência da sua ação. É necessário ainda ponderar que ela requer dos profissionais uma mudança de atitude, nem sempre aceita pelos mais conservadores. Ela é um veículo de massa E justamente por isso não pode ser vista com olhos “elitistas”. Deve ser criticada como se deve criticar qualquer outro produto cultural da sociedade (ibidem, p. 36)

Santaella (2003) acredita que o problema ao se criticar certo veículo de comunicação é a tendência a julgá-lo por meio de critérios adequados a outra mídia, como a utilização, no caso do jornalismo, de parâmetros do jornal impresso para se analisar a natureza de um

⁵ Foi o russo nacionalizado estadunidense Wladimir Kosma Zworykin quem deu o primeiro grande passo que possibilitou a invenção da televisão, em 1923, ao patentear o iconoscópio, um dispositivo essencial para o funcionamento da TV. Em seguida, no ano de 1924, o cientista escocês John Logie Baird conseguiu transmitir imagens estáticas, por meio de um aparelho televisor analógico. Um ano mais tarde, Baird já transmitiu imagens em movimento pelo aparelho (SQUIRRA, 2004).

telejornal. Em seguida, ela ressalta que, no caso da televisão, a crítica se volta não somente aos programas noticiosos:

[...] a televisão é a grande vítima de um bombardeio crítico que se dirige indiscriminadamente a todo e qualquer tipo de programa que ela oferece. A TV se caracteriza como uma mídia das mídias, isto é, tem um caráter antropofágico. Ela absorve e devora todas as outras mídias e formas de cultura, desde as mais artesanais, folclóricas e prosaicas até as formas mais eruditas: do cinema, jornal, documentário até o circo, teatro etc. Ora, em geral, um balé ou um concerto, por exemplo, quando televisionados, adquirem necessariamente novas feições que são próprias daquilo que a TV possibilita ou limita. Perde-se, nesses casos, como é óbvio, a presença viva dos emissores e receptores, além de que o olho e ouvido do receptor, quando da transmissão de TV, ficam moldados aos limites de enquadramento e cortes típicos da televisão como veículo: tela pequena, imagens panorâmicas de baixa definição, perda de acústica etc. Assim, também, os filmes perdem muito de seu encanto como filmes, dadas as diferenças qualitativas entre uma mídia e outra. No entanto, trata-se sempre de um jogo de perdas e ganhos, em que o mais relevante é o fato de que a TV pode absorver qualquer outra mídia, impondo a elas qualidades de organização, ritmo e aparência que lhe são próprios (SANTAELLA, 2003, p. 42)

A autora realça alguns dos componentes da cultura das mídias, na qual se insere a televisão, obviamente apontada por ela como mídia das mídias, até o advento dos novos meios de comunicação – entenda-se o computador, depois a internet, a telefonia móvel, entre outros: a provisoriedade do que é veiculado, em oposição à sua maior permanência nas formas tradicionais de cultura; a mobilidade das informações entre as diferentes mídias, que as adaptam de acordo com suas especificidades; e a proliferação das próprias mídias, que leva o receptor a formar sua opinião por meio do trânsito de uma mídia a outra (*ibidem*). Ainda tratando dos atributos antropofágicos da televisão, Lúcia Santaella apresenta a complexa teia de elementos da linguagem televisiva:

[...] por mais que a mensagem transmitida pela TV seja banal, superficial e esquemática, sua complexidade semiótica é sempre grande. Tudo se dá ao mesmo tempo: som, verbo, imagens que podem adquirir feições as mais diversas e multifacetadas, além do ritmo dos cortes, junções, aproximações e distanciamentos que provavelmente se constituem num dos aspectos mais característicos dessa mídia (*ibidem*, p. 47)

Umberto Eco, referindo-se às mudanças sofridas pela televisão, classifica-a em Paleotevê e Neotevê. A Paleotevê seria a televisão em seus primórdios, quando lhe importava mais o que estava transmitindo do que seus bastidores, o que passou a acontecer com a Neotevê, no início da década de 1980. Esta fala cada vez mais acerca de si mesma e o contato estabelecido com seu próprio público, em vez de tratar diretamente dos assuntos, como fazem os outros meios de comunicação (ECO, 1984).

Sobre o olhar para a câmera de televisão, o autor explica que

[...] quem fala olhando para a câmara (*sic*) representa a si próprio (o locutor da tevê, o cômico que recita um monólogo, o apresentador de uma transmissão de variedades ou de perguntas e respostas), enquanto quem fala sem olhar para a câmara representa

um outro (o ator que interpreta uma personagem fictícia) [...] os que não olham para a telecâmara (*sic*) estão fazendo algo que se considera (ou se finge considerar) que aconteceria mesmo que a televisão não existisse, enquanto, no caso contrário, quem olha para a telecâmara estaria sublinhando o fato de que a tevê existe e que seu discurso “acontece” justamente porque a televisão existe (ECO, 1984, p. 186)

Quem olha para a câmera, portanto, sugere, “[...] implicitamente, que há algo de ‘verdadeiro’ na relação que está sendo instituída, independentemente do fato de que ele esteja prestando informações ou contando simplesmente uma história fictícia” (ibidem, p. 187-188).

Contudo, nos primórdios da televisão,

As transmissões de informação tendiam a reduzir ao mínimo a presença de quem olha para a câmara. Se excetuarmos o anunciador (com função de ligação entre os programas), as notícias não eram lidas nem proferidas ou mesmo comentadas por ninguém no vídeo, mas apenas no áudio, enquanto no vídeo havia uma sequência de telefotos, sequências filmadas, mesmo que se tivesse de recorrer a material de repertório que denunciava sua natureza (ibidem, p. 189-190)

Outra característica apontada por Umberto Eco acerca da cobertura que a televisão faz dos acontecimentos é a preparação de determinados eventos, que, se não fossem filmados, não contariam com tamanhas preocupações, como é o caso dos jogos de futebol, por exemplo. Às publicidades mais importantes é dada uma atenção maior quanto às posições que irão ocupar no entorno do gramado. Também cerimônias políticas e religiosas passaram a ser concebidas de maneira bastante diferente desde o início de suas transmissões ao vivo pela televisão (ibidem).

Além disso, o curso de eventos não-planejados também é influenciado pela presença de câmeras, como é o caso de socorros humanitários, que recebem maiores ajudas das autoridades e outras pessoas dispostas a colaborar, quando são mostrados intensamente pelas emissoras de TV. Pode acontecer também que, se a televisão não divulgasse o ocorrido, haveria maiores chances de, com menos ‘curiosos’ acompanhando determinada operação, esta receber ajudas mais eficazes e terminar mais brevemente (ibidem).

1.2 – O telejornalismo

Partindo para a análise do telejornalismo, destacamos os pontos positivos e negativos da informação transmitida por meio da televisão, na visão de Vera Íris Paternostro:

Se a televisão se impõe através da informação visual, é ainda limitada quanto à análise da mensagem que emite. A programação da TV – e aqui estamos falando da TV aberta – tem um ritmo contundente, próprio de sua natureza como meio de comunicação de massa, e acaba voltada à transmissão de notícias de maneira breve. O que se considera desvantagem da TV (superficialidade) aliada a uma vantagem (imagem) gera um momento peculiar dentro do processo global de informação. A TV estimula e provoca o interesse e a necessidade de se ampliar o conhecimento dos fatos [...] (PATERNOSTRO, 1999, p. 63-64)

Na sequência, a autora apresenta os itens que devem ser levados em conta no momento de se produzir um texto para esse gênero televisivo:

- Informação visual, que não depende do domínio de um idioma ou da escrita, por parte do receptor, para ser compreendida;
- Imediatismo ao cobrir determinado fato, onde quer que seja, no exato momento de sua ocorrência;
- Alcance, por ser a TV um veículo de grande abrangência;
- Instantaneidade, pois a captação da mensagem deve se dar no momento de sua emissão, sob pena de não poder ser revista, como na mídia impressa;
- Envolvimento, que representa a atratividade com que repórteres e apresentadores se tornam familiares aos telespectadores;
- Superficialidade, que é a falta de aprofundamento e análise dos fatos nos telejornais diários;
- Índice de audiência, capaz de interferir diretamente no padrão a ser seguido pelo telejornal (PATERNOSTRO, 1999).

A invenção do rádio permitiu ao público leitor de jornais poder se informar sobre os acontecimentos no exato momento em que estes ocorriam, ainda que sem ter acesso a imagens daquilo que estivessem ouvindo. A TV manteve esse caráter de contemporaneidade e foi além, de acordo com Sebastião Squirra, pois,

Em vez de relatar o fato, ela o mostra em toda a sua dimensão. Ela pode, assim, atingir quantidade muito maior de sentidos humanos, já que se utiliza do movimento, da cor, do som e de toda a dramaticidade do acontecimento quase ao mesmo tempo em que ele se deu. Por isso, pode-se dizer que a televisão é cômoda, já que ela não exige esforço por parte do telespectador. [...] Além disso, a imagem tem papel fundamental na comunicação eletrônica. É indiscutível sua força, capacidade de convencimento, poder de expressão e dramaticidade. [...] A televisão não revolucionou a informação, ela trouxe um elemento importante, que é a imagem instantânea e seu grande poder de comunicação. [...] A imagem não tem fronteiras. Apesar de algumas diferenciações regionais, ela pode ser decodificada por qualquer cidadão, de qualquer parte do planeta, sem muitas dificuldades (SQUIRRA, 2004, p. 51-53)

Quando o assunto é especificamente o telejornal, o autor considera que esse é o tipo de programa que proporciona mais credibilidade às emissoras, tanto perante os anunciantes – com espaços que costumam ser os mais caros entre todos os veículos – quanto diante do poder político e econômico do país. Tudo isso, segundo ele, devido à capacidade que a televisão e o telejornalismo têm de se dirigir às mais diversas classes sociais (ibidem).

Apesar dessa grande capacidade de a TV falar para os mais diversos públicos, a discussão acerca da superficialidade do veículo no trato das informações continua:

Alguns profissionais e também intelectuais criticam a televisão por julgá-la demasiado superficial e anticultural. Esta é uma visão inadequada da parte desses grupos, já que todos os meios têm suas funções, estilos, objetividade e importância. [...] No que diz respeito à superficialidade alegada por alguns, colocamos que este conceito é especialmente errado e tem servido como disfarce que justifica desentendimento quanto à real característica da televisão. Se a televisão não pode, pelas características comerciais do veículo (custo do espaço, por exemplo), apresentar aprofundamento mais substancial, o conteúdo não perde em quantidade de informações, tão verdadeiras quanto as da imprensa. Ela colhe também tantos ou mais frutos pela dinâmica das informações e assuntos tratados, se comparada com o jornalismo impresso (SQUIRRA, 2004, p. 55)

Squirra (2004) prossegue sua defesa em favor da TV contra os críticos mais afoitos, evidenciando o poder de convencimento e credibilidade que a imagem detém, o que, para ele, contribui para evitar o que poderia ser considerado superficial na informação televisiva. Então, a solução encontrada para fugir dos erros, mal-entendidos, inexatidões ou discriminações é exibir o maior número possível de imagens de um fato, mesmo que tal escolha não agrade a esses críticos.

Diferentemente do jornal impresso, no qual as notícias são escritas de maneira impessoal, sem grandes marcas de enunciação, o telejornal constrói suas reportagens de modo muito mais complexo, com vários enunciadores, entonações e níveis de dramaticidade. Em vez do nome do repórter que escreveu o texto – única marca pessoal a aparecer no jornal impresso –, o telejornal inicia o relato com o apresentador lendo a cabeça⁶ da reportagem e anunciando o nome do repórter. Então, este começa a falar do fato, que passa a ser mais bem explicado por testemunhas, fontes oficiais capazes de esclarecer o assunto e, em alguns casos, inclusive por reportagens subsequentes, feitas por outros repórteres e com a presença de outras fontes relacionadas ao tema tratado.

Devido a essa característica de frequentemente buscar testemunhas que vivenciaram os acontecimentos, para dar aos telespectadores maior noção de como determinado fato realmente ocorreu, muitas vezes o telejornal se preocupa mais em mostrar a dificuldade em reportar os eventos do que falar propriamente deles.

Quando se está numa situação de conflito particularmente perigosa, a presença física do repórter no palco dos acontecimentos e a obtenção de imagens e sons representativos do que ocorre tornam-se em si mesmas problemáticas e não é raro que tais dificuldades afetem a própria substância do telejornal. No caso da Guerra do Golfo, os episódios mais significativos dessa colocação em evidência das condições de produção foram aqueles ocorridos em Israel e na Arábia Saudita, quando os repórteres foram constrangidos, como os demais mortais, a utilizar máscaras contra gases. [...] Nestes instantes, percebemos que os repórteres não são, como se poderia imaginar, transparentes aos eventos, mas criaturas mortais, submetidas à mesma sorte dos demais cidadãos das nações em conflito, um pouco atrapalhados com suas

⁶ Primeira frase ou parágrafo de uma matéria radiojornalística ou telejornalística, que introduz o assunto a ser tratado, na sequência, pelo repórter.

máscaras contra gases, um pouco também ocupados em sua tentativa, nem sempre bem sucedida, de dominar o próprio terror (MACHADO, 2005, p. 105)

Para Arlindo Machado, as diferentes vozes encontradas na mediação do relato telejornalístico o tornam destituído de uma narração central, sendo que a responsabilidade do apresentador é a de ler as notícias, chamar os outros protagonistas da ação e não fazer comentários ou tirar conclusões sobre o assunto de que está tratando. Já o repórter dispõe de maior autonomia, pois se encontra entre a voz institucional e a individual, sendo uma espécie de interface entre a televisão e o evento. Portanto, nos casos em que o apresentador e o repórter agem como condutores da narração, abrindo caminho para as fontes, as quais estão aptas a dar sua opinião acerca dos fatos, há o telejornal de modelo “polifônico”. Caso contrário, o modelo de telejornal é o “centralizado e opinativo” (ibidem).

No modelo polifônico, pode-se perceber o uso recorrente da primeira pessoa do plural, por apresentadores e repórteres. Isso se torna visível quando um apresentador diz: “*Vamos ao vivo ao local do acidente, falar com o repórter X*”. Este responde dizendo: “*Nós estamos no local exato da colisão entre...*”. Esse tipo de enunciação possui a clara intenção de aproximar o público do acontecimento narrado pelos profissionais jornalistas, fazendo com que cada telespectador se sinta partícipe da ação mostrada.

Gramaticalmente, o pronome “nós” é uma pessoa ampliada e difusa, que tanto pode ser eu + você, como eu + ele. Na fala televisiva, entretanto, dificilmente tem outro significado a não ser eu (apresentador-locutor) + você (telespectador). O uso do pronome “nós” se qualifica como um gênero do discurso cotidiano televisivo que foge à vontade discursiva individual, pois, em virtude deste uso, o clima de convivência coincide com o “estar juntos”, o que caracteriza o estado de interlocutoriedade (TILBURG, 1996, p. 239)

Outro elemento a ser levado em conta ao se analisar o telejornal é que sua transmissão se dá geralmente ao vivo, o que aumenta sobremaneira a responsabilidade de seus editores para com as informações nele divulgadas. A exibição de acontecimentos no exato instante em que ocorrem não permite, de fato, que se produza nenhuma espécie de reflexão crítica acerca do que é transmitido ao público, especialmente quando pouco ou nada se sabe sobre o que está sendo veiculado. Basta nos lembrarmos dos ataques terroristas às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001.

Naquela ocasião, redes de televisão do mundo inteiro interromperam sua programação habitual para fixar, na tela, as imagens das duas torres expelindo a enorme fumaça negra que, aos poucos, se espalhava pelo céu da ilha de Manhattan. Como as informações sobre as causas de tamanha destruição ainda eram desconhecidas, não havia muito que dizer. Então, só restava deixar no ar o impacto que aquelas imagens, por si só, eram capazes de produzir nos telespectadores, enquanto novas informações não eram possíveis de ser apuradas. Se tal

acontecimento fosse coberto ao vivo pelo rádio, ele não receberia o mesmo interesse dos ouvintes, pois, na falta de dados concretos acerca do fato, apenas imagens poderiam prender a atenção do público.

Não são raras as vezes em que, também durante transmissões ao vivo, erros de enquadramento de câmera, falta ou excesso de som no microfone de repórteres e apresentadores, entre outros erros técnicos, e mesmo gramaticais, são cometidos por esses profissionais. Tais eventos podem, segundo Machado (2005), ser corrigidos ainda durante a emissão, logo após serem percebidos por quem os cometeu, mas é quase impossível que não se perceba que foram retificados.

Apesar das falhas presentes e críticas sofridas pela televisão, nada tira dela seu importante papel de registrar acontecimentos que farão parte da história, marcando esta de modo nunca antes visto, como ocorre em transmissões de discursos de chefes de Estado, casamentos de príncipes e princesas, funerais de políticos e religiosos, grandes eventos esportivos mundiais, entre outros (ibidem, 2005).

O próximo capítulo aborda o modo como as novas tecnologias têm alterado as rotinas de produção e também a linguagem adotada pelo telejornalismo brasileiro, o que será importante para a análise que faremos das matérias produzidas pelos enviados especiais da Rede Globo ao Haiti.

2 – AS MUDANÇAS PROVOCADAS NO TELEJORNALISMO PELAS NOVAS TECNOLOGIAS

A utilização do computador desde a apuração, passando pela redação, até a publicação das notícias foi evoluindo de tal modo, que resultou na simplificação de todos esses processos no trabalho do jornalista, incluindo aí também o telejornalismo. William Bonner, editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional, da Rede Globo, explica que, atualmente, o jornalismo da emissora no exterior conta com uma mobilidade possível graças ao desenvolvimento da tecnologia de comunicação e transmissão ocorrido nos últimos anos:

Com equipamentos de dimensões reduzidas, um repórter consegue enviar material diretamente para a Globo, sem a necessidade de reservar um canal de satélite. Ele grava o material com uma câmera comum, transfere o material para um *notebook*, edita a reportagem digitalmente e a transmite, comprimida, num arquivo digital pela internet. É o que chamamos, internamente, de “kit correspondente” (BONNER, 2009, p. 38)

No terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti, coberto *in loco* por veículos de notícias do mundo todo, também pôde ser observada a utilização de aparelhos de telefonia móvel (celulares) e câmeras digitais portáteis por cidadãos de Porto Príncipe – pessoas atingidas, direta ou indiretamente, pelos abalos sísmicos. Bastante comum em portais *online* de notícias, a inserção de vídeos produzidos por não-jornalistas também foi vista nos telejornais, em reportagens que mostraram registros tanto dos estragos provocados pelo terremoto quanto do momento em que a terra começou a tremer.

Na edição do dia 17 de janeiro de 2010, a “revista eletrônica semanal” Fantástico, da Rede Globo, exibiu um vídeo, com duração de 2 minutos e 45 segundos⁷, gravado pelo soldado brasileiro Luís Diego Moraes, da força de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no país, mostrando o desabamento da igreja onde estava a missionária brasileira Zilda Arns, morta no terremoto. Apesar de o Fantástico apresentar matérias com maior duração do que no jornalismo diário da emissora, não é comum o programa dar espaço a produções jornalísticas que não sejam feitas por seus repórteres. Esse caso representa, no entanto, uma exceção e foi incluído na edição do programa por ser uma gravação importante e exclusiva, à qual até então ninguém mais havia tido acesso, além do soldado que filmou a situação.

⁷ <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1451469-15605,00.html>



Figura 1 – O soldado brasileiro Luís Diego Moraes mostra os destroços da Igreja Sacré Coeur de Tugeau, onde morreu a missionária brasileira Zilda Arns

Na mesma edição do programa, uma reportagem do enviado especial Rodrigo Alvarez é precedida por uma cabeça de 24 segundos, lida pelos apresentadores Tadeu Schmidt e Patrícia Poeta. Os primeiros 1 minuto e 16 segundos da reportagem trazem apenas as imagens feitas pelo soldado Moraes, com sua narração sobre a situação no local. O *off* do repórter só tem início aos 1 minuto e 40 segundos do vídeo, que possui duração total de 6 minutos e 49 segundos⁸.

Por fim, foi ao ar, no mesmo programa, uma sequência de imagens e sons (um “clipe”, conforme consta no *site* do Fantástico), mesclando gravações feitas por testemunhas haitianas do terremoto, imagens de *webcams* e trechos de uma reportagem em inglês e outra em português (da enviada especial da Rede Globo Lília Teles), com 4 minutos e 11 segundos de duração⁹. Os exemplos citados, em especial este último – que reúne vários registros, feitos por pessoas diferentes –, se enquadram no conceito de jornalismo móvel, que se refere a

[...] uma prática jornalística associada às condições de mobilidade através do uso deste aparato [tecnologias móveis digitais] para o registro, o tratamento e o envio/transmissão de conteúdo (áudio, vídeo imagens, texto) diretamente do terreno onde o fato acontece ou em forma de “ao vivo” (SILVA, 2009, p. 92)

Fernando Firmino da Silva aborda também a primeira cobertura televisiva na qual todas as imagens transmitidas foram captadas pela câmera de um celular com tecnologia de terceira geração (3G). Tratou-se de um incêndio em uma indústria química de Diadema, na região metropolitana de São Paulo, na manhã de 27 de março de 2009. O repórter Pedro Mota,

⁸ <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1451597-15605,00.html>

⁹ <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1451582-15605,00.html>

da TV Bandeirantes, ao mesmo tempo narrava, ao vivo, a situação e filmava, com o celular, as cenas provocadas pelo incêndio e o trabalho dos bombeiros para contê-las. Ele também interagiu com José Luiz Datena, apresentador do noticiário, que não deixava de dizer aos telespectadores que eram “imagens do telefone celular ao vivo”, apesar de na tela já constar a inscrição “imagens ao vivo de celular” (SILVA, 2009).

A partir dessa primeira experiência, a transmissão de reportagens feitas ao vivo com celular se tornaria prática comum na emissora, recebendo o nome de Band Repórter Celular¹⁰. Em suas matérias para o matutino Primeiro Jornal, o repórter Pedro Mota, direto de São Paulo, enquanto grava as cenas do fato, segue narrando para os telespectadores as informações apuradas. O enviado especial da Rede Globo ao Haiti Rodrigo Alvarez também fez o mesmo em algumas de suas reportagens para o Jornal Nacional, com a diferença de que ele portava uma câmera digital compacta, e não um telefone celular (ALVAREZ, 2010). Ainda acerca das matérias ao vivo feitas com celular, ao final delas o repórter da Band reforça o modo de produção da matéria, dizendo, ao assiná-la: “Pedro Mota, com imagens ao vivo do telefone celular, para o Primeiro Jornal”.



Figura 2 – Imagem do telefone celular do repórter Pedro Mota, da TV Bandeirantes, acompanhada de uma moldura e exibida numa edição do matutino Primeiro Jornal

Outro exemplo de reportagem gravada sem a utilização de uma câmera profissional pôde ser visto no Jornal Nacional de 6 de abril de 2010¹¹, quando o Rio de Janeiro sofria com

¹⁰ http://www.youtube.com/results?search_query=Band+Rep%C3%B3rter+Celular

¹¹ <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/jornalista-flagra-ruas-alagadas-e-cariocas-desorientados/1243008/#/Ediçoes/20100406/page/1>

intensas chuvas e alagamentos em toda a cidade. Fátima Bernardes e William Bonner anunciaram que, naquele dia, devido às enchentes, o colega Márcio Gomes teve de ir a pé para o trabalho (na TV Globo Rio, no Jardim Botânico, zona sul da cidade) e que, ao longo do percurso, ele foi registrando, com uma câmera amadora, o que encontrava em seu caminho. Márcio entrevistou outras pessoas que, como ele, seguiam a pé para o trabalho. O apresentador, naquela ocasião na condição de repórter, gravou inclusive uma passagem para sua matéria, girando a câmera para melhor mostrar por onde os veículos estavam contornando, a fim de desviarem da enorme poça-d'água formada na avenida.

Figuras 3, 4 e 5 – O repórter Márcio Gomes durante passagem de sua reportagem, feita com o uso de uma câmera amadora





Com a intensificação do fenômeno da mobilidade e convergência entre mídias, os telejornais incorporam cada dia mais a internet em suas edições televisivas diárias, seja convidando o público a participar de enquetes e deixar comentários no *site* do programa, seja anunciando a presença de conteúdos extras na página *online* do noticiário. Outro aspecto proporcionado pela internet é a possibilidade de assistir a todas as reportagens de qualquer edição do telejornal em seu *site*, que diariamente arquiva os vídeos das matérias – e, em alguns casos, até o texto integral daquilo que foi ao ar, como o que é feito pela equipe do Jornal Nacional¹², o telejornal de maior audiência no Brasil.

Quanto às alterações nas rotinas de produção das redações de telejornais, as novas tecnologias fazem com que estes sejam produzidos num ritmo cada vez mais rápido, visto que cada etapa do processo de produção das reportagens é mais facilmente realizada hoje em dia, desde a captação das imagens, passando por sua edição, até a transmissão final para o telespectador. Mesmo as entradas ao vivo de repórteres se veem facilitadas, graças à possibilidade de utilização de celulares que permitem a instantânea filmagem e transmissão da gravação, como é o caso do Band Repórter Celular.

Fabiana Piccinin ressalta o caráter híbrido

[...] em que a redação convencional, axiomática e linear convive com possibilidades de operações flexibilizadas e rizomáticas permitidas a partir de novas tecnologias como a mobilidade. É um exemplo claro do momento da transição traduzido pela convivência entre tecnologias mecânicas e analógicas na medida em que a redação mantém as formas convencionais de captação de sinal, bem como de envio para a redação, mas ao mesmo tempo tendo como possibilidade o uso de recursos digitais e

¹² <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/plantao.html>

de tecnologias móveis representantes de um novo paradigma tecnológico (PICCININ, 2009, p. 162)

A digitalização também tende a permitir que se coloque no ar uma versão mais atualizada de determinada notícia, pois, devido à maior praticidade em cada etapa de construção das matérias, é possível trabalhar nelas ainda em cima da hora do fechamento da edição, e mesmo durante o telejornal. A técnica da edição não-linear, garantida por softwares de computador, permite que se exclua, altere a ordem de exibição ou substitua a matéria que irá ao ar de modo muito mais fácil, ágil e com qualidade técnica.

Embora as novas tecnologias contribuam enormemente com o trabalho do jornalista, dentro e fora das redações, possibilitando a ele realizar melhor e mais rapidamente suas tarefas, na cobertura do terremoto no Haiti feita pelo Jornal Nacional, conforme veremos no próximo capítulo, não houve uma qualidade plástica e acabamento refinado em metade das matérias lá produzidas. As dificuldades encontradas no país não permitiram que os jornalistas tivessem tempo suficiente para realizar uma pós-produção dessas reportagens. Apesar disso, não fosse o chamado “kit correspondente”, conforme já explicado por William Bonner no início deste capítulo, a cobertura da catástrofe na América Central não teria sido viável.

O capítulo seguinte traz um breve histórico sobre o Haiti, aborda os critérios nos quais o Jornal Nacional se baseia para determinar os rumos de suas coberturas e trata da metodologia empregada na análise das matérias produzidas no país mais pobre das Américas.

3 – A COBERTURA DO TERREMOTO FEITA PELO *JORNAL NACIONAL* NO HAITI

3.1 – Um país arrasado, antes e depois do terremoto¹³

O Haiti ocupa o lado oeste da ilha de Hispaniola (no leste fica a República Dominicana), no mar do Caribe, na América Central. País mais pobre e com menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das Américas, o Haiti foi inicialmente colonizado por espanhóis, que descobriram a ilha de Hispaniola capitaneados por Cristóvão Colombo, em 1492. No final do século XVI, quase toda a população nativa já havia sido dizimada pelos conquistadores. A parte ocidental da ilha, onde hoje se localiza o Haiti, foi cedida à França em 1697 e renomeada Saint Domingue. No século XVIII, Saint Domingue se tornou a mais próspera das colônias francesas, exportando, com o trabalho de escravos negros, açúcar, cacau e café.

A Revolução Francesa inspirou os escravos da ilha – a maior parte de sua população – a se rebelarem, em 1791, e a conquistarem a liberdade, três anos mais tarde. O atual Haiti foi a primeira colônia americana a ter seus escravos libertos. Na mesma época, o ex-escravo Toussaint L'Ouverture organizou um exército e expulsou as dominações inglesas e espanholas da colônia, que passou totalmente ao domínio francês.

Em 1801, L'Ouverture tornou-se governador vitalício e promulgou uma constituição para a ilha, mas em seguida foi deposto e enviado à França, onde morreu. Os franceses foram definitivamente expulsos dois anos depois, pelo exército dos generais Jean-Jacques Dessalines e Alexandre Pétion, que proclamaram a independência da colônia em 1804. Dessalines aproveitou a ocasião para se proclamar imperador. Como retaliação pela independência, os senhores de escravos europeus e estadunidenses impuseram, no mesmo ano, um bloqueio comercial à ilha que durou 60 anos.

Dessalines seria assassinado em 1806. Após seu assassinato, o país se dividiu em dois e sua parte oriental (atual República Dominicana) foi retomada pela Espanha. Em 1822, o presidente Jean-Pierre Boyer reunificou a ilha, mas foi destituído do poder em 1844, por uma nova revolta, levando a República Dominicana à conquista da independência.

De meados do século XIX ao início do século XX, 20 governantes se sucederam no poder, dos quais 16 foram depostos e/ou assassinados. A fim de proteger seus interesses

¹³ Informações obtidas nos *sites* Último Segundo – iG, G1 e R7 (ver referências bibliográficas).

comerciais, os Estados Unidos ocuparam o Haiti entre 1915 e 1934, favorecendo a elite mulata local. Em 1946, Dusmartsais Estimé, um negro, foi eleito presidente.

Depois de mais dois governos terem sido derrubados, o médico François Duvalier se elegeu presidente em 1957. Conhecido como “Papa Doc”, Duvalier pôs fim ao domínio mulato e instaurou um regime ditatorial baseado no terror dos *tontons macoutes* (bichos-papões) – sua guarda pessoal –, e no vodu. Em 1964, Duvalier se tornou presidente vitalício, exterminou a oposição e passou a perseguir a Igreja Católica no país. Em 1971, Papa Doc morreu e foi sucedido por seu filho, Jean-Claude Duvalier – o “Baby Doc”.

Depois de 15 anos de governo autoritário e corrupto, o crescimento dos protestos populares fez com que Baby Doc fugisse com a família para a França e em seu lugar deixasse uma junta comandada pelo general Henri Namphy. Em 1987, uma nova constituição foi feita e, no ano seguinte, novas eleições foram convocadas. O presidente eleito, Leslie Manigat, governou apenas entre fevereiro e junho daquele ano, pois em seguida foi deposto por Namphy. Três meses depois, mais um golpe levou ao poder o chefe da guarda presidencial, o general Prosper Avril.

Após outro período de profunda conturbação política, eleições presidenciais livres em dezembro de 1990 foram vencidas pelo padre salesiano esquerdista Jean-Bertrand Aristide. Em fevereiro seguinte, Aristide foi empossado presidente, mas seu mandato durou somente até setembro do mesmo ano, quando um golpe de Estado encabeçado pelo general Raoul Cédras o depôs. O fato levou a ONU e os Estados Unidos a imporem sanções econômicas ao Haiti para forçar a volta de Aristide ao poder.

Em julho de 1993, Cédras e Aristide assinaram um pacto, em Nova York, que previa a volta do governo constitucional e a reforma das Forças Armadas haitianas. No mês de outubro, entretanto, grupos paramilitares impediram o desembarque, em solo caribenho, de soldados estadunidenses integrantes de uma Força de Paz da ONU. O crescente êxodo de haitianos que tentavam se refugiar nos Estados Unidos levou o governo deste país a pressionar pelo retorno de Aristide ao poder. Em 1994, o Conselho de Segurança da ONU decretou bloqueio total ao Haiti.

A junta militar reinante no país investiu o civil Émile Jonassaint como presidente, até as eleições marcadas para fevereiro de 1995. O ato foi considerado ilegal pelos Estados Unidos, que obtiveram autorização da ONU para intervir militarmente no Haiti. Em agosto de 1994, Jonassaint decretou estado de sítio no país. No mês seguinte, uma força multinacional, com liderança estadunidense, entrou no Haiti e acordou com os militares da junta que estes

deixassem o poder e, em troca, fossem anistiados. Em outubro, Jonassaint deixou a presidência e Aristide foi reempesado. Assumiu o país em meio a uma grave crise financeira, devido ao bloqueio comercial e a crises internas.

Em 1995, o comandante das tropas de ocupação no Haiti foi transferido para a ONU e o exército do país foi dissolvido. Um ano mais tarde, assumiu a presidência René Préval, cuja posse foi a primeira, no Haiti, de um presidente eleito entregando o poder a um sucessor também escolhido democraticamente nas urnas.

Suspeitas de manipulação pelo partido de Aristide marcaram as eleições de 2000, quando este foi reeleito presidente, com o comparecimento às urnas de menos de 10% da população apta a votar. O diálogo entre o governo e a oposição foi se prejudicando mais e mais a ponto de, em 2003, os opositoristas pedirem a renúncia de Aristide. Estados Unidos, Canadá, França, Organização dos Estados Americanos, União Europeia e Comunidade do Caribe se apresentaram como mediadores do impasse, mas a oposição se recusou a discutir uma solução, e a crise se aprofundou.

Em fevereiro de 2004, um levante militar no centro do país, promovido por ex-integrantes do exército haitiano (os *tontons macoutes*), espalhou-se por diversas cidades até chegar ao norte do Haiti. O objetivo era também marchar em direção à capital, Porto Príncipe. No entanto, militares estadunidenses retiraram Aristide do país, contra sua vontade, e conseguiram para ele asilo na África do Sul.

Pelas regras constitucionais, o país passou a ser comandado, interinamente, pelo presidente do Supremo Tribunal do país, Bonifácio Alexandre, que imediatamente requisitou assistência da ONU para que houvesse uma transição política pacífica e constitucional, com a segurança interna mantida. O Conselho de Segurança do órgão aprovou, então, o envio da Força Multinacional Interina (MIF, na sigla em inglês) ao Haiti, liderada pelo Brasil.

Foi estabelecida, em maio de 2004, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH, na sigla em francês), que no mês seguinte assumiu em solo haitiano as tarefas de contribuir para a estabilização e pacificação do país – desarmando grupos guerrilheiros e rebeldes –, promover eleições livres e informadas e formar o desenvolvimento institucional e econômico haitiano. Desde então, mais de 7 mil homens, provenientes de mais de 30 países¹⁴, passaram a ser comandados por generais brasileiros, que periodicamente se sucedem no cargo.

¹⁴ <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/minustah/facts.shtml>

Em outubro de 2010, o Conselho de Segurança da ONU decidiu ampliar, por mais um ano, o mandato da MINUSTAH, que expiraria no referido mês. O prazo foi prorrogado para que tenham continuidade os trabalhos de reconstrução do Haiti, que foi destruído por um terremoto de 7 graus na escala Richter no dia 12 de janeiro de 2010, quando mais de 300 mil pessoas morreram, a maioria na capital, em consequência do desabamento de casas e edifícios. O Haiti já havia sido alvo, em 2008, de furacões e tempestades tropicais que mataram mais de 700 pessoas, entre agosto e setembro daquele ano. O país tem 80% de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza.

3.2 – Os critérios utilizados pelo JN para determinar cada tipo de cobertura

Partindo para uma análise do intuito maior do JN, William Bonner diz que “o Jornal Nacional tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção” (BONNER, 2009, p. 17), deixando claro que a vocação do telejornal são os temas factuais, apesar da presença de reportagens “de atualidade”, cujas exibições não são urgentes (ibidem).

William Bonner explica ainda quais os critérios – primários e secundários – que são levados em conta durante a escolha do tipo de cobertura que determinado fato irá ou não receber da equipe do Jornal Nacional. O primeiro dos critérios primários é a “abrangência”: “Quanto maior o universo de pessoas atingidas por um fato, maior a probabilidade de ser publicado” (ibidem, p. 95). Logo em seguida, vem a chamada “gravidade das implicações”: “Quanto maior for a gravidade de um fato, maior a possibilidade de ser noticiado no JN: quanto maior o incêndio, quanto maior o número de desabrigados, quanto mais alta a inflação, quanto pior o desempenho dos estudantes no Enem” (ibidem, p. 96).

O terceiro critério primário apresentado é o “caráter histórico”, que se refere à cobertura de acontecimentos cuja futura importância histórica merece destaque em meio aos outros assuntos em pauta naquele dia: “A morte de um papa, o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, a posse presidencial de um ex-metalúrgico, a conquista de uma Copa do Mundo pela Seleção Brasileira” (ibidem, p. 97). Para o editor-chefe do Jornal Nacional, “fatos dessa magnitude não apenas têm lugar assegurado no noticiário – mas também ocupam muito mais tempo que os demais numa edição. Porque a relevância deles esmaga notícias que, até então, tinham peso suficiente para garantir presença no espelho” (ibidem, p. 99).

Outro critério é “o peso do contexto”, em vigor quando é preciso comparar duas ou mais notícias de grande relevância e hierarquizá-las, a fim de determinar as dimensões de cada uma das coberturas (BONNER, 2009). O último critério na categoria dos primários é chamado “a importância do todo” e reflete a preocupação do JN em complementar assuntos factuais com reportagens não necessariamente factuais, que ajudem “[...] o espectador a enxergar com amplitude maior o contexto de uma notícia [...]” (ibidem, p. 104).

Quanto aos critérios secundários explicitados por William Bonner, estes se relacionam com o modo como as notícias serão apresentadas ao público. A “complexidade” é o primeiro desses critérios: “Quanto mais complexo um assunto, maior a probabilidade de ser tratado numa reportagem maior, com um repórter que a conduza, com entrevistas que a balizem, com imagens e recursos de arte que a ilustrem” (ibidem, p. 108). O segundo e último critério secundário é “o tempo”, que pode ser entendido como a utilização de maior rigor na forma como os assuntos serão abordados em um dia no qual houve vários acontecimentos de grande importância e que precisam ser noticiados (ibidem). No caso, a seleção desses assuntos e o modo como serão exibidos (nota seca¹⁵, nota coberta¹⁶ ou reportagem) serão muito mais criteriosos do que em outras ocasiões.

3.3 – A narração sequenciada como técnica de relato telejornalístico

Em nosso trabalho, consideramos “reportagem tradicional” aquela que possui o conhecido padrão textual telejornalístico, que conta com o *off* gravado depois da captação das imagens e geralmente apenas uma passagem, bem como a presença de sonoras dos entrevistados. No caso das “narrações sequenciadas”, tanto seu padrão textual quanto imagético são diferentes do modelo anterior: o *off* é gravado no momento da captação das imagens, há um número maior de passagens e o próprio repórter acaba por conduzir as ações do cinegrafista, ao apontar para determinada cena e a câmera seguir sua orientação. Além disso, não é comum, nas narrações sequenciadas, haver sonoras, seja de testemunhas do fato ou de fontes oficiais.

Entre 13 e 21 de janeiro de 2010, período em que a Rede Globo exibiu, no Jornal Nacional, matérias de seus enviados especiais ao Haiti, os repórteres Lília Teles e Rodrigo Alvarez e o cinegrafista Luiz Cláudio Azevedo, foram ao ar 14 matérias produzidas no país.

¹⁵ Texto sem a presença de imagens, lido pelo apresentador.

¹⁶ Também conhecida por nota pelada, continua sendo um texto lido pelo apresentador, mas com o auxílio de imagens do fato.

Metade delas (quatro de Lília e três de Rodrigo) se enquadra no que chamamos de reportagens tradicionais, ao passo que a outra metade (sendo também quatro reportagens dela e três dele) se encaixa na categoria de narrações sequenciadas. Estas foram ao ar nos dias 14, 15 e 16 de janeiro, pois, no restante dos dias em que a equipe permaneceu no país, tornou-se possível retornar ao modelo tradicional de reportagem¹⁷.

Fernando Castro, editor do Jornal Nacional, enfatiza a dificuldade encontrada na aplicação desse modelo diferenciado de relato telejornalístico na cobertura do terremoto:

As reportagens vieram com uma nova linguagem. Não por capricho, não por vontade de querer inovar. Mas era, sinceramente, o que se podia fazer naquela situação. As equipes simplesmente narravam o que viam. Parece coisa simples. Mas trata-se de uma das tarefas mais difíceis de serem realizadas com êxito e qualidade no telejornalismo. Normalmente, os repórteres voltam para a redação e, só então, escrevem seus textos. Depois, os editores revisam tudo, escolhem as imagens e editam as reportagens. No Haiti, obviamente, não havia como fazer desse jeito. A solução foi ligar a câmera e sair narrando a situação dramática do país (ALVAREZ, 2010, p. 13-14)

A repórter Lília Teles recorda¹⁸ que já havia visto o modelo por ela chamado de narração sequenciada em uma reportagem de José Roberto Burnier, da TV Globo São Paulo, durante a cobertura dos estragos provocados pelo furacão Ida em El Salvador¹⁹, em 9 de novembro de 2009. Por acreditar que o modelo facilitaria seu trabalho no Haiti, Lília recebeu autorização de sua chefia, em Nova York, para utilizá-lo nas matérias acerca do terremoto.

Figuras 6, 7 e 8 – O repórter José Roberto Burnier, durante as várias passagens de sua reportagem sobre o furacão Ida, em El Salvador



¹⁷ Ver entrevista com a repórter Lília Teles (anexo A).

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1372594-10406,00-FURACAO+MATA+MAIS+DE+PESSOAS+EM+EL+SALVADOR.html>



A técnica da narração sequenciada, entretanto, já havia sido utilizada anteriormente, pelo enviado especial ao Haiti Rodrigo Alvarez, quando ainda era repórter do canal de TV por assinatura Globo News, em 2001²⁰.

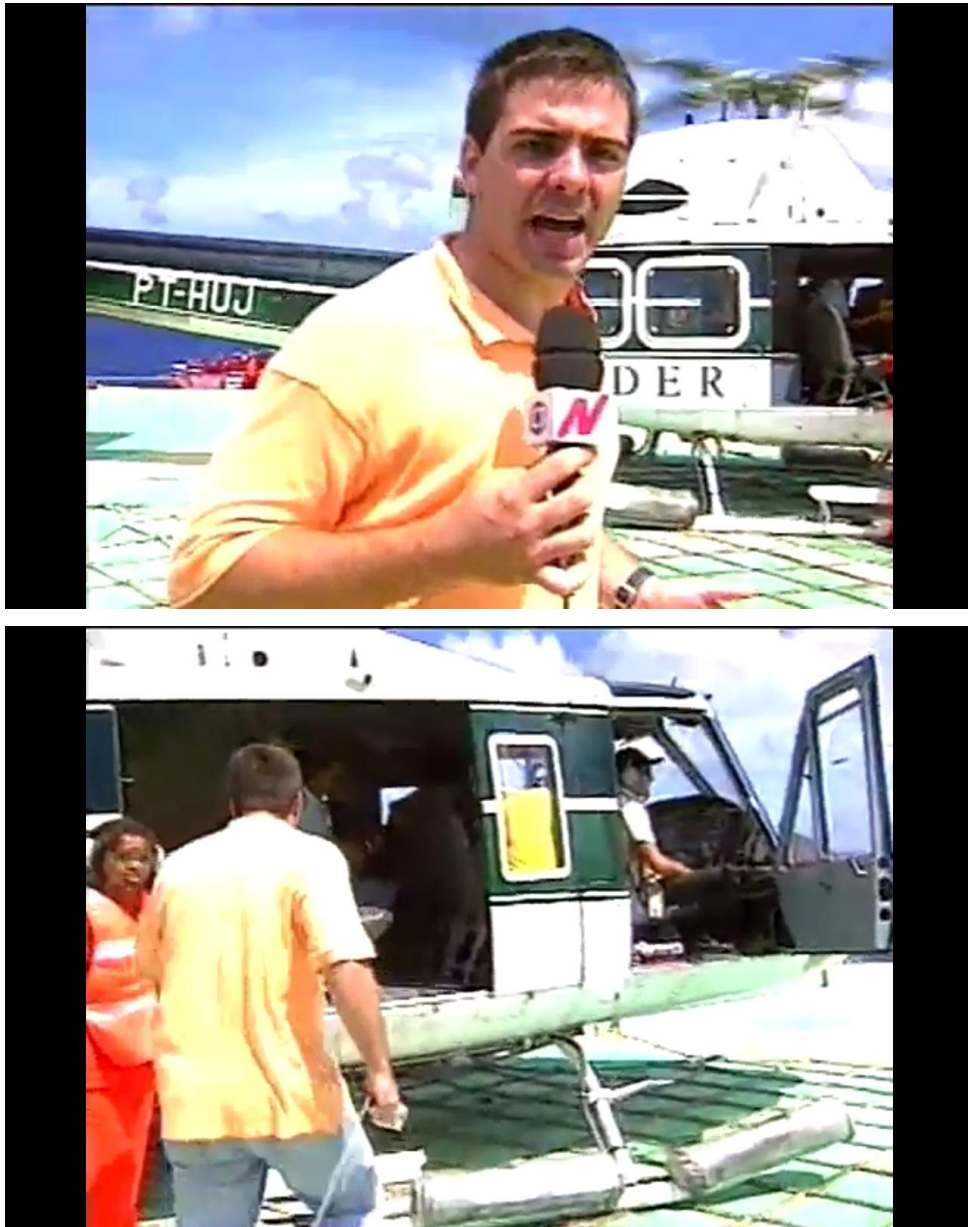
Sem que fosse preciso combinar, Lília e eu adotamos o mesmo formato nas primeiras matérias. Fazíamos a narração dos fatos no momento em que eles estavam acontecendo. Era algo que eu tinha feito pela primeira vez em março de 2001, quando a plataforma P-36 da Petrobrás (*sic*) afundou na bacia de Campos, no litoral do Rio de Janeiro, diante de apenas dois repórteres: o cinegrafista Eglédio Vianna e eu. Aquela experiência em alto-mar tinha me mostrado que, em momentos de muita ação, quando o repórter testemunha um fato histórico, raro ou demasiadamente dramático, a melhor forma de contar o que se está vendo é dizer aquilo que vem à cabeça no exato momento da ação. Escrever depois seria certamente a garantia de

²⁰ <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM855010-7823-PLATAFORMA+P+36+AFUNDA+NA+BACIA+DE+CAMPOS,00.html>

um texto mais refinado. Mas, num momento de crise, o que se quer é informação e emoção em estado bruto, sem a reflexão posterior que normalmente temos ao escrever e reescrever um texto (ALVAREZ, 2010, p. 64)

Figuras 9, 10, 11 e 12 – O repórter Rodrigo Alvarez, direto da plataforma P-23, na cobertura exclusiva do naufrágio da plataforma P-36, da Petrobras, em Macaé, litoral norte do estado do Rio de Janeiro





A cobertura exclusiva do naufrágio da plataforma da Petrobras levou a equipe da Globo News – o repórter Rodrigo Alvarez e o cinegrafista Eglédio Vianna – a receber a Menção Honrosa do Prêmio Imprensa Embratel, em setembro de 2001²¹. As imagens feitas por eles foram ao ar também em emissoras de TV internacionais. Na mesma época da premiação, a pesquisadora Iluska Coutinho tratou da cobertura que o Jornal Nacional fez do afundamento da P-36. Em seu trabalho, ela chama de “*off vivo*” o que estamos denominando narração sequenciada e o explica como sendo “a narração em *off* em que não houve edição de imagens, já que o áudio e o vídeo apresentados foram gravados ao mesmo tempo, como em uma passagem” (COUTINHO, 2001).

²¹ http://www.embratel.com.br/Embratel02/cda/portal/0,2997,PO_P_197,00.html

Em virtude de a nomenclatura narração sequenciada haver sido dada pela repórter Lília Teles e de tal denominação nos parecer mais adequada, foi esse nome que incorporamos para tratar da técnica diferenciada de relato telejornalístico empregada na cobertura da catástrofe haitiana.

Rodrigo Alvarez aprofunda sua explicação acerca dos motivos pelos quais a utilização da narração sequenciada na cobertura do terremoto no Haiti foi a opção mais acertada tomada por ele e Lília Teles:

Assim como diante da plataforma que naufragara nove anos atrás, passei a narrar os fatos que via no Haiti como se estivesse ao vivo. Lília fez o mesmo. Mais tarde, depois de conversar com colegas de redação, entendi que esse foi considerado um dos motivos para o resultado positivo da nossa cobertura. Mas se era principalmente uma opção estética e informativa, era também uma tremenda mão na roda para acelerar o processo de edição. [...] Gravando tudo ao vivo, poupávamos minutos cruciais do processo de montagem, já que era preciso apenas juntar as partes na ordem certa, dar algum acabamento e exibir (ALVAREZ, 2010, p. 64-65)

3.4 – A metodologia para a escolha e análise das narrações sequenciadas

Houve, no período em que os repórteres da Rede Globo estiveram no Haiti, reportagens produzidas por outros repórteres da emissora, tanto no Brasil quanto em outros países, além de notas secas e notas cobertas, lidas pelos apresentadores do JN, e *stand-ups*²² de Lília Teles, diretamente de Porto Príncipe. Entretanto, como essas produções não condizem com nossa proposta de análise, não estamos considerando-as neste trabalho.

Assim sendo, das 14 matérias gravadas no Haiti e exibidas no Jornal Nacional entre 13 e 21 de janeiro de 2010, nossa análise se dará sobre cinco das sete narrações sequenciadas feitas no país – serão três de Lília Teles e duas de Rodrigo Alvarez. Foram excluídas da análise uma narração de Rodrigo e outra de Lília, em virtude de a dele contar com apenas uma passagem, e com características tradicionais, e a dela ser bastante semelhante à terceira narração que analisaremos, porém com a metade do tempo desta e menos atraente em termos dos itens de análise que nos interessam nesta pesquisa.

Atentaremos-nos, na análise das narrações sequenciadas, para detalhes, presentes nas falas dos repórteres, que fogem ao princípio da busca pela objetividade e imparcialidade comumente esperada dos jornalistas. Antes é necessário, portanto, apresentar algumas considerações acerca do conceito de objetividade:

²² Informações telejornalísticas rápidas passadas por um repórter, que permanece o tempo todo olhando para a câmera.

Consideremos o espírito humano uma malha de crenças e desejos, capaz de se recompor permanentemente, a fim de se acomodar a novas atitudes. Na apreciação da realidade, nele misturam-se fatos e valores, e dele se exige o exercício da dissociação. Somos prisioneiros de sistemas de valores adquiridos. Os nossos atos são influenciados, quando não determinados, por nossa maneira própria de ver, sentir e reagir à ação dos agentes externos. O ser humano vê o mundo por meio de uma espécie de filtro e com base nessa apreciação constrói a sua realidade. Reagimos segundo nossa raça, sexo, idade, classe social, preferência política e crença religiosa. Reagimos geralmente de acordo com a classe a que pertencemos, com a educação e os exemplos de casa, da rua e da escola, e sob influência das nossas amizades. Todos temos os nossos preconceitos, idiossincrasias, preferências, nossa maneira de reagir aos estímulos e às provocações externas, as nossas peculiaridades, excentricidades, frustrações, ideais de perfeição, disposições de humor, simpatias e antipatias. A questão é saber se é possível, e em que grau, o ser humano descrever as coisas como elas realmente são. Independentemente da relação que temos com elas. É saber se, de fato, a objetividade é um caminho para a verdade e a realidade (AMARAL, 1996, p. 18)

Voltando seu olhar para a atuação do jornalista, Luiz Amaral exemplifica alguns dos problemas enfrentados por esse profissional no dia-a-dia e afirma acreditar que, em todas as etapas cumpridas por um repórter, estão presentes marcas de subjetividade:

[...] na busca diária da notícia, exige-se isenção e imparcialidade. E nessa luta constante, ele enfrenta não só as dificuldades criadas pela sua formação, posições e preconceitos, como outras cujo controle escapa à vontade pessoal. É o caso dos interesses materiais da empresa para a qual trabalha, da pressa para entrega do material, da confiabilidade de informações prestadas por terceiros ou da omissão dos mesmos. [...] Há subjetividade em todas as fases do seu trabalho na corrida diária pela notícia: na determinação da pauta, na maneira como vê os fatos, na escolha dos testemunhos, na redação da matéria (tem que optar pelo que lhe parece mais importante para o **lead** e menos importante para o fim) (ibidem, p. 51)

A interlocução é um fator extremamente importante para a manutenção do interesse dos telespectadores no que está sendo dito por quem se encontra diante das câmeras, pois

O entreolhar-se, a entonação e a expressão facial permitem perceber a qualidade e mesmo o sentido do acontecimento tratado, confirmados depois pela imagem. Em alguns momentos, o estado de interlocutoriedade decorre da articulação do entreolhar-se e da fala/audição. Em outros, da unidade construída pelo *continuum* espaço-visual projetado no televisor, no momento da fala/audição. Estas constatações evidenciaram que o *continuum* visual do espaço televisivo deriva do entreolhar-se. Por esta razão, este se apresenta como condição *sine qua non* para garantir, na sua ausência, a autenticidade da ação televisiva (TILBURG, 1996, p. 236-237)

Cada elemento da fala do narrador na televisão possui relevante papel no estabelecimento de uma íntima relação com seu público:

Conforme a entonação, o ritmo, o volume e o timbre da voz, a fala estabelece com o interlocutor uma relação na qual cada um destes componentes, em virtude de suas qualidades típicas, exerce uma função específica de mediação. Tratando-se da fala televisiva, estes componentes ressaltam o clima de informalidade, valorizando, de modo enfático, a interpessoalidade, o “estar em casa”. Em outras palavras, a fala televisiva postula um ambiente de intimidade (ibidem, p. 239)

Serão também considerados, em nossa análise, os erros gramaticais e coloquialismos dos repórteres durante seus *offs*, algo pouco perceptível quando os *offs* não são ‘gravados ao

vivo' – no mesmo momento em que são feitas as filmagens – e o repórter dispõe de um estúdio equipado para, calmamente, gravar o texto de suas matérias. Além disso, enfatizaremos também o emprego de outros itens gramaticais pelos repórteres, levando em conta que

[...] o uso de pronomes pessoais, pronomes demonstrativos e advérbios de lugar, componentes constitutivos da fala televisiva, é uma indicação consistente da existência de uma nova modalidade de espaço-tempo, ancorada nos processos dos meios técnicos e materiais eletrônicos (TILBURG, 1996, p. 240)

O modo como Lília Teles e Rodrigo Alvarez conduziam as ações do cinegrafista Luiz Cláudio Azevedo, ao apontar para o local que este deveria filmar, principalmente quando os repórteres percorriam, de cima dos jipes do exército brasileiro, as ruas de Porto Príncipe, é outro item a ser por nós observado.

O último capítulo de nosso trabalho analisa as narrações sequenciadas selecionadas para nossa investigação acerca das potencialidades e limitações dessa técnica, vastamente utilizada na cobertura feita pelo Jornal Nacional do terremoto no Haiti.

4 – AS NARRAÇÕES SEQUENCIADAS

Na edição de 12 de janeiro de 2010, a última notícia veiculada pelo Jornal Nacional – na realidade, uma nota seca, lida por Chico Pinheiro – foi a seguinte²³:

Um terremoto de 7,3 graus na escala Richter foi registrado agora há pouco no Haiti. O epicentro foi a 22 quilômetros da capital, Porto Príncipe. Agências de notícias internacionais informaram que um hospital desabou. Não há informações ainda sobre feridos. Um alerta de tsunami foi divulgado para países do Caribe. Entre eles, a República Dominicana, Bahamas e Cuba. Um segundo tremor, de quase 6 graus, foi sentido há poucos minutos na região (Site *Jornal Nacional* em 12 de janeiro de 2010)



Figura 13 – Única imagem exibida durante a nota, divulgada no Jornal Nacional de 12 de janeiro de 2010, sobre o terremoto que havia acabado de atingir o Haiti

No dia seguinte ao terremoto, os enviados especiais da Rede Globo ainda não haviam conseguido chegar ao Haiti. As reportagens acerca da catástrofe foram geradas na sucursal de Nova York da emissora, ainda com imagens de agências de notícias. No entanto, foi ao ar um *stand-up* de Lília Teles, diretamente de Santo Domingo, na República Dominicana²⁴, no qual a repórter falava da dificuldade enfrentada pela imprensa para chegar ao Haiti, pois o aeroporto da capital do país havia sido fechado para aviões que não fossem de ajuda humanitária. Então, a solução era ir primeiro até o país vizinho e, de Santo Domingo, partir para Porto Príncipe.

²³ <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/terremoto-atinge-o-haiti/1189596/#/Edições/20100112/page/2>

²⁴ <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/imprensa-mundial-segue-para-santo-domingo/1190401/#/Edições/20100113/page/2>

Cada tópico em negrito a seguir contém o título da narração sequenciada analisada, conforme consta no *site* do Jornal Nacional, seguido, entre parênteses, pelo nome do repórter responsável por ela, a data em que a matéria foi ao ar e sua duração. Ao nos referirmos ao tempo da matéria, estamos considerando apenas sua duração, e não o tempo total do vídeo presente no *site* do Jornal Nacional, que inclui, antes da narração, sua cabeça lida pelos apresentadores.

4.1 – Panorama é de caos no Haiti (Lília Teles, 14/01/2010, 4min05s)²⁵

Em sua primeira narração sequenciada em Porto Príncipe, Lília Teles aparece, no que pode se chamar de passagem, nove vezes olhando diretamente para a câmera, em diferentes ambientes da capital haitiana – no aeroporto, nas ruas da cidade (classificadas por ela como “um cenário de caos”), em uma área transformada em abrigo pelos moradores e dentro dos terrenos de algumas casas destruídas pelo terremoto –, o que já pressupõe que a matéria trará um panorama considerável acerca dos efeitos dos tremores na capital.

No início de cada trecho da narração, portanto, a repórter marca sua presença ao iniciar a fala voltada para a câmera, que, após alguns segundos filmando-a, volta-se para o cenário para o qual Lília sempre aponta e prossegue dando informações. Em alguns momentos, as imagens que passam a ser exibidas não foram captadas durante a fala de Lília. Nesse caso, seu *off* continua, sem cortes, fazendo parte de sua passagem, mas, pouco após a câmera girar para o alcance do olhar da repórter, a imagem é substituída por outras, feitas no mesmo cenário, porém tornando a narração parecida, devido a esse aspecto, a uma reportagem tradicional. O mesmo ocorre nas narrações de Rodrigo Alvarez.

²⁵ <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/panorama-e-de-caos-no-haiti/1191113/#/Edições/20100114/page/1>



Figura 14 – Lília Teles no Aeroporto Internacional de Porto Príncipe Toussaint Louverture

No tocante aos aspectos gramaticais diferenciados, enfatizamos o uso da preposição ‘**para**’, empregada de modo coloquial – ‘**pra**’ – nas muitas vezes em que aparece, como em: “algum lugar ‘pra’ ficar”, “‘pra’ se lavar, ‘pra’ dar banho nos filhos”, “não dá ‘pra’ todo mundo” e “tombou totalmente pra frente”. O verbo estar também não é conjugado em sua forma culta em todos os momentos – em dois deles, a repórter fala ‘**tão**’ em vez de ‘**estão**’ e ‘**tá**’ no lugar de ‘**está**’: “as pessoas ‘tão’ tentando se lavar” e “a gente ‘tá’ chegando aqui”.

Próximo do final da narração, Lília comete um erro gramatical ao dizer, sobre uma casa fortemente atingida pelos tremores, que “**havam** três pessoas aí dentro”, quando deveria ter dito ‘**havia**’. O verbo haver, nessa ocasião impessoal, com sentido de existir, não deve concordar com o plural da frase – ‘três pessoas’, pois a frase não tem sujeito.



Figura 15 – Lília Teles nas ruas da capital haitiana, mostrando a situação dos sobreviventes do terremoto

Quanto ao modo como a repórter busca chamar a atenção do telespectador para as cenas registradas, destaca-se, sete vezes, a palavra **‘olha’**: “a rua fica assim, olha”, “olha como é que as pessoas”, “olha só” (3 vezes), “olha, são tijolos de concreto” e “olha só o que a gente viu aqui, então”, e uma vez a expressão “dá só uma olhada nisso”. A expressão coloquial **‘a gente’**, no lugar do pronome culto **‘nós’**, aparece 11 vezes na narração, sendo que em oito delas acompanhada do verbo ver – seja no passado (“a gente viu”), presente (“a gente vê”) ou futuro (“a gente vai...”). O **‘nós’** só é dito por ela uma única vez.

A repetição de informações esteve presente em algumas ocasiões na narração sequenciada de Lília. A primeira tem início na terceira passagem, quando ela diz que “desde terça-feira, a cidade de Porto Príncipe não tem água potável, não tem luz...” e, 20 segundos depois, na quarta passagem, repete que as famílias “não têm água, não têm luz, desde terça-feira”. Pouco depois, falando da solidariedade no acampamento, a repórter mostra que “restou pouca batata, algumas bananas, mas isso aqui vai ser distribuído”. Então, diz que milhares de famílias não têm o que comer e retorna à informação anterior: “o pouco que eles têm é dividido, olha só: banana, pouca batata...”. Por último, Lília, ao chegar a uma casa muito destruída, relata que a residência “veio toda ao chão” e, após, chamar a atenção do telespectador para “dar uma olhada” naquilo que eles tinham visto, repete que “essa casa veio toda ao chão, sobrou só isso”.



Figura 16 – Lília Teles se arriscando para chegar a uma casa fortemente abalada pelo terremoto

A narração adquire certo dinamismo quando a repórter percorre os terrenos de algumas casas que não suportaram os tremores. Ao encontrar uma mulher na porta de sua residência, Lília, que falava das pessoas que insistiam em permanecer em suas casas, interrompe a frase e pergunta à mulher se ela “não tem medo?”. Esta faz um sinal com a mão, e a repórter continua seu relato, andando sobre os destroços das casas e falando acerca dos cuidados a serem tomados: “a gente vai passar aqui com muita dificuldade, porque ainda existe o risco. A gente vai tentando passar aqui... Os caminhos são perigosos...”.

Estão presentes duas curtas sonoras em toda a matéria: a de uma mulher no acampamento de desabrigados, que em espanhol conta que está sobrevivendo graças à ajuda de pessoas que levaram comida até o local onde ela se encontra, e a de um menino, que também em espanhol diz que em uma das casas atingidas todos os moradores se salvaram.



Figura 17 – Lília Teles com uma senhora que perdeu a filha e duas netas no desabamento da casa onde moravam, em Porto Príncipe

A humanização do relato se dá, em certa medida, quando a repórter, na penúltima passagem da narração, apresenta uma senhora cuja filha e duas netas estão desaparecidas desde o dia do terremoto. Enquanto transmite essas informações, Lília põe sua mão no ombro da senhora e, em seguida, pega, no chão, as sandálias de uma neta e da filha da mulher.

Na presente narração sequenciada, no que diz respeito à relação das imagens com o que o repórter narra, Lília orienta o cinegrafista para determinadas situações do cenário em que ambos se encontram, sempre apontando para o local do qual está falando e a câmera sendo girada na direção do olhar dela.

4.2 – Aeroporto de Porto Príncipe vira base para jornalistas (Rodrigo Alvarez, 14/01/2010, 1min35s)²⁶

Pode-se dizer que a primeira narração sequenciada de Rodrigo Alvarez é acerca dos bastidores da cobertura jornalística do terremoto e também os bastidores da ajuda humanitária que começava a ser preparada em prol dos haitianos. A matéria apresenta cinco passagens feitas pelo repórter: duas num aeroporto de Santo Domingo, na República Dominicana, uma dentro do helicóptero que seguia em direção a Porto Príncipe e outras duas já em solo haitiano.

²⁶ <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/aeroporto-de-porto-principe-vira-base-para-jornalistas/1191111/#/Edições/20100114/page/1>



Figura 18 – Rodrigo Alvarez num pequeno aeroporto da capital dominicana, onde aguardava o embarque para o Haiti

Em um pequeno aeroporto do país vizinho ao Haiti, Rodrigo, tendo à sua volta as bagagens e equipamentos, informa o horário (“são dez e meia da manhã, aqui em Santo Domingo, meio-dia e meia no Brasil”) e fala sobre as expectativas de embarque para Porto Príncipe – devido ao caos em que se encontrava o aeroporto, não era possível saber quando eles embarcariam.



Figura 19 – Rodrigo Alvarez exibindo o telefone-satélite que seria utilizado por ele e Lília Teles para se comunicarem com a TV Globo no Brasil

Na sequência, o repórter mostra o telefone-satélite que está levando para o outro país. Rodrigo diz que provavelmente o telefone celular não funcionará no capital do Haiti e que o telefone-satélite “conecta de qualquer lugar”. Ao terminar a frase, ouve-se uma voz chamando alto por alguém, e ele diz: “bom, a gente tem que ir”. Agora no helicóptero, o repórter ainda aborda os bastidores da narração, contando que no helicóptero estão ao todo cinco pessoas – três da TV Globo e dois de uma emissora japonesa, sendo que um desses estrangeiros – o cinegrafista –, é filmado pela câmera da Globo.



Figura 20 – O cinegrafista Luiz Cláudio Azevedo e Rodrigo Alvarez, da esquerda para a direita, durante voo com destino a Porto Príncipe

Assim como pudemos perceber na primeira matéria de Lília Teles no Haiti, a narração de Rodrigo também é permeada de coloquialismos envolvendo o verbo estar e a expressão ‘**a gente**’ em vez do pronome ‘**nós**’, como em: “a gente ‘tá’ nesse pequeno aeroporto”, “a gente ‘tá’ levando” e “a gente ‘tá’ aqui no helicóptero”. ‘A gente’ aparece sete vezes na matéria de Rodrigo, enquanto ‘nós’, somente uma vez.

Já no Haiti, o repórter narra que o aeroporto da capital está repleto de helicópteros que aterram, vindos de vários lugares, com o intuito de levar ajuda. Rodrigo fala também que a imprensa mundial está se instalando como pode para enviar informações, “até sentado no chão” com o notebook. Ele conta que as equipes de resgate acabam de desembarcar e já começam a se preparar, ainda no asfalto do aeroporto.



Figura 21 – Rodrigo Alvarez em meio aos cães vindos de Miami para ajudar nos resgates no Haiti

Na última passagem da matéria, o repórter se encontra agachado atrás de alguns cães, que ele chama de “exército”, diz que são de Miami e que estão lá para ajudar no resgate de vítimas e sobreviventes do terremoto. Por fim, Rodrigo fala que o aeroporto não foi preparado para a quantidade de mantimentos que vêm chegando, que o país “foi pego de surpresa, não havia nenhum plano de emergência” e que “ninguém sabe exatamente o que fazer com todo o equipamento, todo o mantimento que chega de várias partes do mundo”.

Nessa narração sequenciada, então, há o predomínio da cobertura dos bastidores do trabalho tanto dos repórteres da Rede Globo quanto de emissoras de TV do exterior, embora em menor escala. Há, ainda, a apresentação dos bastidores das ajudas humanitárias que começam a chegar ao país arrasado pelo terremoto.

4.3 – Porto Príncipe tem milhares de desabrigados, sem água e sem comida (Lília Teles, 15/01/2010, 2min44s)²⁷

Enquanto na primeira narração sequenciada de Lília Teles ela esteve, em todas as passagens, caminhando no chão de Porto Príncipe, nessa matéria ela passa mais da metade do tempo sobre um jipe do exército brasileiro, que segue circulando pelas ruas da capital haitiana. A repórter também deixa de lado a objetividade do relato para expor seu sentimento em relação às cenas que presencia ao longo do caminho percorrido.

²⁷ <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/porto-principe-tem-milhares-de-desabrigados-sem-agua-e-sem-comida/1191886/#/Edições/20100115/page/1>



Figura 22 – Lília Teles percorrendo Porto Príncipe num jipe do exército brasileiro

Lília diz que, andando pela cidade, “a cena é tão triste, a gente encontra ainda corpos sob os escombros, a gente consegue ver pedaços desses corpos sob os escombros”. A repórter conta que pode ver os moradores, sozinhos, ainda tentando escavar para encontrar algo e novamente diz que “a gente vê restos de corpos ‘pra’ todo lado”. Ela enfatiza que a área que percorre, o bairro de Belé, é muito pobre e foi um dos mais atingidos pelo terremoto. As pessoas espalhadas pelas ruas a fazem, outra vez, mostrar seu sentimento pela situação: “é um cenário de muita dor, um cenário de muito sofrimento, é uma tristeza, as pessoas não sabem o que fazer da própria vida”. Apesar de não ser possível saber com quem Lília apurou o que diz na sequência, a repórter afirma que as “milhares de pessoas espalhadas” estão “esperando alguma posição do governo, com relação a casa, com relação a abrigo, com relação a comida”.



Figura 23 – Lília Teles entre milhares de haitianos no bairro de Belé, um dos mais devastados pelo terremoto em Porto Príncipe

A narração segue com a repórter não mais no jipe, mas caminhando por uma área onde máquinas e várias pessoas trabalham em um resgate. Com as próprias mãos, os moradores tentam retirar mais corpos encontrados. Lília fala que as equipes de resgate não chegam a todos os lugares e que os haitianos ainda têm esperança de encontrar pessoas com vida debaixo dos destroços, “mas com o passar do tempo vai ficando cada vez mais difícil”. A repórter observa também que os voluntários cobrem os corpos depois de encontrados e fala de um senhor que “traz um lençol ‘pra’ ser jogado sobre mais uma vítima do terremoto”.

De volta ao jipe do exército brasileiro, Lília volta a destacar as vítimas da catástrofe, considerando como “uma das cenas mais tristes” da cidade os “corpos espalhados, tem corpos jogados aqui. Um cheiro muito forte, as pessoas vão tapando o nariz, já é cheiro de morte espalhado por toda Porto Príncipe. Nós acabamos de passar por dois corpos, ali na calçada...”.



Figura 24 – Lília Teles falando sobre os moradores que estavam tentando fugir da “confusão que virou Porto Príncipe”

Antes de a matéria terminar, o jipe passa por caminhão estacionado, e a repórter estima o número de pessoas que haveria dentro dele: “aqui deve ter, no mínimo, umas setenta pessoas, dentro desse caminhão, espremidas ali. É a forma que eles encontram de tentar fugir, de conseguir sair dessa confusão que virou Porto Príncipe”.

É válido ressaltar que o coloquialismo predominante nessa narração foi a utilização do verbo ter em vez de haver: “tem milhares de pessoas espalhadas”, “tem corpos jogados aqui” e “aqui deve ter”. Em reportagens tradicionais, quaisquer dos coloquialismos até agora apresentados não são comuns nos *offs* dos repórteres.

O grande diferencial dessa narração para as anteriores é o fato de Lília não contar com um poder de escolha muito amplo acerca da angulação a ser dada à matéria, pois ela está passando por Porto Príncipe de cima do jipe do exército brasileiro. Isso diminui as possibilidades de a repórter decidir, por exemplo, em que rua irá gravar uma passagem ou que situações irá mostrar/deixar fora da narração. Tanto no início quanto no fim da matéria, percebe-se como os solavancos provocados no veículo em que Lília está a balança enquanto ela fala.

4.4 – Acompanhe um resgate emocionante de uma sobrevivente em Porto Príncipe (Lília Teles, 15/01/2010, 4min38s)²⁸

O resgate da enfermeira haitiana Jean Baptiste, de 36 anos, dos destroços de um hospital na capital haitiana foi um dos mais emblemáticos diante das dezenas que ocorreram e foram registrados desde logo após o terremoto. Em entrevista ao Bom Dia Brasil²⁹, telejornal matutino da Rede Globo, a repórter Lília Teles contou que no dia desse resgate os militares brasileiros já haviam parado em outro lugar, a pedido de haitianos desesperados, que acreditavam que pudesse haver alguém vivo a ser resgatado. No entanto, a pessoa já estava morta.

Quando a narração começa, a repórter está dizendo que há pessoas desesperadas em todos os lados, aguardando socorro, até que um haitiano se aproxima do jipe no qual ela está, pedindo socorro para um suposto sobrevivente preso nos escombros de uma construção. Depois de alguns segundos, Lília pergunta se tal indivíduo “‘tá’ vivo” e pede para que o veículo pare: “dá uma paradinha, aqui, dá uma parada, dá uma parada!”. Após descer do carro, a repórter segue atrás do haitiano, na direção apontada por ele, e continua narrando que há muito desespero e que existe uma pessoa, sob os destroços, que pode estar viva.

O nível de subjetividade de Lília se torna visível a partir então, quando ela diz que “é um desespero tão grande. Eles tentam, eles tentam retirar os escombros, tirar os pedaços de pedra. Eles ouviram alguma coisa, eles ouviram alguma coisa e tão aí com a esperança de encontrar um sobrevivente. É uma luta, é uma luta constante, é uma luta diária”. Em seguida, o sargento Marco Antônio, que tenta ouvir algum sinal de vida da pessoa presa sob os destroços, pede silêncio às pessoas que se aglomeram à sua volta. Logo depois, dá um sinal de OK e a repórter comemora: “vivo, tem gente viva aqui, tem gente viva! Tem gente viva aqui, ainda. O soldado do exército brasileiro ouvindo, ouvindo a voz... O pedido de socorro, o pedido de socorro da pessoa”.

²⁸ <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/acompanhe-um-resgate-emocionante-de-uma-sobrevivente-em-porto-principe/1191910/#/Edições/20100115/page/1>

²⁹ <http://g1.globo.com/videos/bom-dia-brasil/v/reporter-lilia-teles-conta-o-que-viu-no-haiti/1197705/#/Edições/20100125/page/1>



Figura 25 – Lília Teles dizendo que o soldado consegue ouvir a voz da sobrevivente sob os destroços

Durante esse processo de tentar saber se a sobrevivente do terremoto estaria viva ou não, o microfone de Lília é capaz de captar o soldado tentando falar com a mulher, bem como com as pessoas que, em volta dele, fazem barulho e o atrapalham. Em francês, ele pede aos moradores para que fiquem quietos; em inglês, pergunta se a sobrevivente está bem e recebe dela uma resposta positiva.

A repórter pergunta se ele consegue encostar na mulher, e o soldado responde que sim, que ela está segurando fortemente a mão dele. Lília, então, completa: “quatro dias depois do terremoto, ainda há alegria de encontrar uma pessoa viva sob os escombros. Muitos mortos, mas ainda há esperança disso. Então, por isso que os moradores ficam tão desesperados, porque existe essa, ainda essa chance de encontrar vivos, aqui”.

Quando o sargento diz que ela está protegida por “uma espécie de casulo” – talvez “um armário” ou “uma mesa” –, a repórter diz que vai ver se consegue enxergar e, pouco depois de se acomodar melhor sobre os destroços, diz: “Ó, eu consigo ver a mão dela, aqui!”.



Figura 26 – Lília Teles se ajeitando para tentar enxergar a enfermeira Jean Baptiste debaixo dos destroços do hospital

Na sequência seguinte da narração, passada a euforia da descoberta da sobrevivente, Lília informa, ainda do local onde os trabalhos para retirar a mulher prosseguem, que ela é enfermeira e que naquele lugar havia um pequeno hospital. Ela mostra um médico com quem a sobrevivente trabalhava e, ao perguntar para ele, em inglês, se a enfermeira trabalhava com ele, o médico responde, também em inglês, que o nome dela é Jean Baptiste.

O último momento da narração da repórter traz Lília informando que os bombeiros já haviam retirado quase todo o corpo da mulher, que estava mexendo com as mãos: “ela está viva, ela dá um tchauzinho, ali, ‘pra’ gente...”. Lília também diz que, no que antes era um hospital, “funcionava um centro materno-infantil, com muitas mulheres grávidas e muitos bebês, e ela era uma enfermeira que trabalhava aqui”. Ao concluir, a repórter repete o nome e a idade da sobrevivente – 36 anos – e acrescenta, contando nos dedos, que “são quase três dias depois do terremoto: terça-feira, quarta-feira, hoje sexta-feira, já, mais de três dias, e ela continua viva. É isso que ‘inda’ dá esperança ‘pras’ pessoas”.



Figura 27 – Lília Teles repassando as informações, obtidas de um médico, a respeito da identidade da sobrevivente do terremoto

Os momentos em que Lília comemora ao saber que há alguém vivo sob os destroços, bem como quando a repórter conversa, em inglês, com o médico que trabalhava com Jean Baptiste, e o fato de o diálogo do sargento com a sobrevivente serem mostrados, na íntegra, contribuem para a humanização do relato presente na narração, pois mostra acontecimentos que costumam permanecer nos bastidores da produção de matérias jornalísticas, sem serem exibidos junto delas.

No dia seguinte à narração sequenciada contendo o início dos trabalhos de resgate da enfermeira, foi ao ar, no Jornal Nacional, uma reportagem tradicional mostrando como foi a visita de Lília Teles a Jean Baptiste, no hospital da base militar brasileira em Porto Príncipe.

Não prevaleceu apenas o desespero dos haitianos no resgate de Jean Baptiste sob os escombros, mas também o da repórter, que em sua fala e ações mistura emoção e euforia, pelo fato de a enfermeira estar viva, e certa preocupação para conseguir aproximar o máximo possível seu microfone do sargento brasileiro, enquanto este conversa com a sobrevivente sob os escombros. Uma repórter da TV Brasil também acompanha o resgate e tenta fazer o mesmo que Lília para entrevistar o sargento, porém em dado momento a repórter da TV Globo se preocupa em ‘escalar’ parte dos escombros para poder ver o rosto da enfermeira sobrevivente. O cinegrafista consegue registrar a face da mulher presa nos destroços.

4.5 – Porto Príncipe vive situação caótica depois de terremoto (Rodrigo Alvarez, 15/01/2010, 3min37s)³⁰

Essa narração sequenciada de Rodrigo Alvarez se assemelha à terceira analisada em nosso trabalho – de Lília Teles –, pois, sem o transporte do exército brasileiro, nem Rodrigo nem Lília teriam percorrido tantos lugares a ponto de poder explorar isso em suas matérias.

O repórter parte, da base militar do exército brasileiro, a caminho do centro de Porto Príncipe. De cima do jipe, ele observa, de um lado da rua, um prédio destruído e, do outro, “um hospital claramente ameaçado, com partes destruídas, onde ainda, apesar da precariedade, existe algum tipo de serviço: ambulância saindo, haitianos chegando”. Rodrigo complementa dizendo que, da placa do hospital, só restou o que “a gente ‘tá’ vendo aqui”. O uso de ‘**a gente**’ no lugar de ‘**nós**’, de ‘**tem**’ em vez de ‘**há**’ e do coloquialismo representado por ‘**tá**’ e ‘**tô**’ (‘**está**’ e ‘**estou**’) e ‘**pra**’ e ‘**pro**’ (‘**para a**’ e ‘**para o**’) seguem constante nessa narração, bem como o foram nas outras.

A primeira das quatro passagens da matéria é gravada em frente a uma área, cavada no dia anterior, que se tornou uma vala comum para, segundo militares brasileiros, 40 corpos de haitianos vítimas do terremoto.

Em seguida, o repórter fala do engarrafamento provocado pelo fato de muitos moradores tentarem deixar o Haiti, “provavelmente rumo a Santo Domingo, que é o único país que é possível acessar por terra”. Ao falar que é possível acessar o **país Santo Domingo** por terra, Rodrigo comete um erro, pois Santo Domingo é a capital, e não o país, que é a **República Dominicana**.

Após passar por um local que é uma espécie de rodoviária, aonde os haitianos vão à procura de caminhões que os levem para fora da cidade, o repórter diz que os postos de gasolina vazios que ele havia acabado de ver assim estavam devido ao término do combustível.

³⁰ <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/porto-principe-vive-situacao-caotica-depois-de-terremoto/1191908/#/Edições/20100115/page/2>



Figura 28 – Rodrigo Alvarez sobre o que era um quartel de soldados brasileiros em Porto Príncipe

Em outra passagem, Rodrigo mostra o cenário onde houve as maiores baixas brasileiras no Haiti – 10 soldados que morreram no desabamento de um prédio de três andares. No total, eram 16 os soldados presentes dentro da construção, mas seis deles foram resgatados com vida. Tal informação é complementada pela sonora de um militar: “é alegria muito grande saber que um companheiro ‘tava’ salvo com vida e que a gente conseguiu salvar alguém”.

Figuras 29, 30 e 31 – Rodrigo Alvarez pondo máscara para amenizar o odor vindo dos corpos, já em estado de putrefação, sob os destroços das construções





Na sequência, há mais uma passagem do repórter com ele colocando uma máscara devido ao estado de putrefação em que se encontravam muitos corpos ainda sob os destroços das construções.

Ao se aproximar do palácio presidencial de Porto Príncipe, Rodrigo conta que há um cheiro muito forte nas ruas, pois não há banheiro ou outro tipo de condição de higiene na cidade, levando os moradores a fazer suas necessidades fisiológicas na própria rua.

Outro ponto para o qual o repórter é levado é a chamada Cozinha do Inferno, lugar onde funcionava um grande mercado e havia muitas pessoas no instante do terremoto. Outra sonora, de mais um militar brasileiro, é inserida na narração: “a preocupação maior agora é fazer chegar água, alimentos... Água, alimentos e medicamento à população”.

Por fim, Rodrigo apresenta um grupo de haitianos que tinha por costume acompanhar o exército brasileiro e aprendeu a falar português. O repórter diz que um deles perdeu os pais e que outro tem um apelo a fazer aos brasileiros. Então, o menino Robenson Bibi, num português não muito fácil de entender, diz que os brasileiros querem ajudar os haitianos. Rodrigo o auxilia na formulação da frase e fala: “você pede aos brasileiros ‘pra’ ajudar?”. Robenson completa dizendo que sim, porque muitos haitianos morreram e se machucaram na catástrofe.

A mesma restrição quanto ao poder de escolha das imagens a serem registradas poderia ter sido vista nessa narração, em virtude de o repórter estar sujeito ao trajeto percorrido pelo jipe do exército brasileiro, mas o veículo rodou por tantos caminhos, que o resultado foi uma matéria mostrando, em diversos lugares da capital haitiana, a multidão de habitantes de Porto Príncipe buscando sair da cidade ou mesmo do país.

CONCLUSÃO

A proposta deste trabalho foi analisar as potencialidades e limitações da técnica da narração sequenciada, presente na cobertura do terremoto no Haiti, pelos enviados especiais da Rede Globo ao país, para o Jornal Nacional.

Para isso, fizemos um levantamento das características das linguagens televisiva e telejornalística, mostrando como a TV é capaz de englobar as outras mídias e formas de cultura e mesmo alterar o curso de eventos que, se não fossem filmados e transmitidos pela televisão, não aconteceriam do modo como se dão. Vimos também que a TV de hoje em dia, a Neotevê, preocupa-se mais consigo mesma, seus bastidores e o contato criado com seu público, do que com os assuntos por ela tratados, como ocorria na época da Paleotevê.

Sobre o telejornalismo, mostramos como as críticas feitas a esse gênero televisivo não costumam levar em conta a riqueza de elementos que constituem um telejornal, como suas diferentes vozes, que o tornam um modelo polifônico a buscar claramente a aproximação entre o telespectador e o acontecimento transmitido.

Em seguida, voltamo-nos para o modo como as novas tecnologias vêm modificando tanto as rotinas de produção quanto a própria linguagem do telejornalismo, já que o repórter passa a dispor de equipamentos que facilitam seu trabalho e o permitem, em praticamente qualquer lugar, editar sua matéria e enviá-la para a redação da emissora. As novas tecnologias proporcionam, também ao público do telejornal, a possibilidade de colaborar com o envio de conteúdos que complementem os apurados pelo repórter.

A apresentação de um breve histórico do Haiti nos permitiu compreender a fragilidade existente no país antes mesmo do terremoto, tornando os estragos provocados pelos abalos sísmicos eventos de maiores proporções e fazendo com que os resgates dependessem mais da ajuda estrangeira do que de órgãos governamentais haitianos.

Na análise das narrações sequenciadas, pudemos perceber que a interlocutoriedade funciona como um elemento agregador de credibilidade à matéria produzida pelo repórter, pois este, por meio da entonação de sua voz, expressões faciais e olhar para a câmera, procura criar um ambiente de informalidade e intimidade com o telespectador, bem como passar a ele as emoções que sente ao narrar o que vê enquanto caminha pelo local dos acontecimentos. Tal objetivo, se alcançado, torna o trabalho do repórter digno de credibilidade, justamente em virtude da confiança obtida perante seu público.

Acerca das potencialidades da narração sequenciada, a subjetividade e a conseqüente humanização do relato do repórter foram, de fato, os grandes diferenciais observados nas matérias feitas pelos repórteres, com especial destaque para Lília Teles, que, em relação a Rodrigo Alvarez, explora abundantemente – conforme mostram as imagens presentes no corpo da pesquisa – o uso de gestos, a demonstração de sentimentos diante do caos haitiano e a interlocução – por meio da expressão “olha”, que em vários momentos ela fala, com o intuito de chamar a atenção do público para o que o cinegrafista está mostrando. Ambos utilizam coloquialismos e repetem informações em suas falas, porém Lília se destaca em nossa análise.

Quanto às limitações das narrações sequenciadas, as únicas informações oficiais divulgadas foram apuradas com o exército brasileiro no Haiti, considerando que os repórteres percorriam os cenários de destruição em Porto Príncipe nos jipes do exército brasileiro e que a equipe da Rede Globo, bem como outras equipes de jornalistas, ficaram acampadas na base militar brasileira, no aeroporto da capital haitiana. Porém, dados numéricos envolvendo o número crescente de mortos e sobreviventes do terremoto e o de militares e bombeiros, do mundo todo, que diariamente chegavam a Porto Príncipe para ajudar nos resgates, bem como o auxílio financeiro concedido por outras nações ao Haiti, não foram ditos pelos enviados especiais da emissora nesse tipo de relato jornalístico, o que ficou a cargo de repórteres da emissora, no Brasil e em outros países.

Foi encontrado apenas um erro que podemos chamar de gramatical nas narrações analisadas – quando Lília Teles disse que “havia” três pessoas dentro de uma casa que desabara com o terremoto. Além disso, mais um erro, dessa vez geográfico, pôde ser detectado – quando Rodrigo Alvarez disse que muitos haitianos estavam deixando o Haiti rumo ao país vizinho, Santo Domingo, quando na realidade ele se confundiu, pois o país é a República Dominicana; Santo Domingo, sua capital. Devido ao fato de apenas esses dois erros terem ocorrido, entendemos que eles se deveram tão-somente à situação em que os repórteres se encontravam, tendo, ao mesmo tempo, que ver a cena pela qual passavam e relatá-la aos telespectadores. Caso as referidas narrações sequenciadas tivessem sido reportagens tradicionais, muito provavelmente tais erros não estariam presentes.

Com isso, concluímos que, conforme nos disse a repórter Lília Teles, o uso da narração sequenciada é indicado somente em determinadas situações, quando é preciso agilidade e economia de tempo. Assim como ela acredita que “devemos nos preocupar com a

banalização do formato, porque pode se tornar cansativo”³¹, também nós ressaltamos que o uso intenso das narrações sequenciadas – especialmente em ocasiões nas quais o repórter não presencie muita ação, um fato excessivamente dramático, raro ou histórico, segundo aponta Rodrigo Alvarez – pode levar a cobertura jornalística a ser considerada sensacionalista. A repetição de informações e o foco quase total na atuação de um ‘repórter onisciente’ no cenário dos acontecimentos não são necessários, nem mesmo adequados, em matérias comuns ao cotidiano da sociedade.

³¹ Ver anexo A.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Rodrigo. **Haiti, depois do inferno**: memórias de um repórter no maior terremoto do século. São Paulo: Globo, 2010. 119 p.

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996. 98 p.

BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. Rio de Janeiro: Globo, 2009. 247 p.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. Cobertura do afundamento da P-36: uma novela exibida via Jornal Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: Intercom, 2001. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2COUTINHO.PDF>>. Acesso em: 22 out. 2010.

ECO, Umberto. Tevê: a transparência perdida. In: _____. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 182-204.

G1. **Conheça a história do Haiti**. 13 jan. 2010. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1445314-5602,00-CONHECA+A+HISTORIA+DO+HAITI.html>>. Acesso em: 22 out. 2010.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4ª ed. São Paulo: Ed. Senac, 2005. 244 p.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 157 p.

PICCININ, Fabiana. Do analógico ao digital: notas sobre o telejornal em transição. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; SILVA, Fernando Firmino da (Orgs.). **Metamorfoses jornalísticas 2**: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009. p. 154-173.

R7. **Entenda a história do Haiti**. 13 jan. 2010. Disponível em:
<<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/entenda-a-historia-do-haiti-20100113.html>>. Acesso em: 22 out. 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. 3ª ed. São Paulo: Experimento, 2003. 290 p.

SILVA, Fernando Firmino da Silva. Reportagem com celular: a visibilidade do jornalismo móvel. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; SILVA, Fernando Firmino da (Orgs.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009. p. 90-106.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. **Aprender telejornalismo: produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 187 p.

TILBURG, João Luís Van. Arquitetura do espaço-tempo televisivo. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (Orgs.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 235-247.

ÚLTIMO SEGUNDO – iG. **Haiti, uma história de paradoxos e excessos**. 15 jan. 2010.

Disponível em:

<http://ultimosegundo.ig.com.br/opiniaio/regis_bonvicino/2010/01/15/haiti+uma+historia+de+paradoxos+e+excessos+9322073.html>. Acesso em: 22 out. 2010.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevista da repórter Lília Teles ao autor deste trabalho (concedida em 26/08/2010, via e-mail)

Por quanto tempo você esteve como correspondente da Rede Globo nos Estados Unidos?

Fui correspondente em Nova York por quatro anos.

Por que em algumas das reportagens exibidas nos primeiros dias da cobertura no Haiti você gravava o off durante a captação das imagens, e não depois? Isso foi devido às condições adversas do local? E por que nem todas as reportagens foram assim?

A caminho do Haiti eu já tinha pensado em fazer assim. A gente decidiu que essa seria a forma mais ágil de fazer as matérias. Assim, não teria que gastar muito tempo com a edição. Nosso fuso horário era complicado, porque estávamos três horas atrás do horário de Brasília. A idéia era que eu seria os olhos do telespectador no Haiti. Eu ia narrando tudo que as imagens do Luiz Cláudio Azevedo mostravam. Esse formato foi usado no começo, por causa da correria. Depois, como a gente tinha mais tempo, voltamos ao formato convencional. Mesmo porque, corria-se o risco de a narração sequenciada ficar cansativa. Na minha opinião, ela cabe apenas pra determinadas situações.

Houve alguma orientação especial, no sentido de dizer como você e o cinegrafista Luiz Cláudio Azevedo deveriam proceder quanto à gravação e o envio do material (que era exibido no Jornal Nacional de modo praticamente bruto, sem uma edição que o deixasse conforme o padrão tradicional conhecido pelo público)? Tal orientação veio da direção de jornalismo de Nova York – onde você estava baseada na época –, ou do Rio de Janeiro e de São Paulo – da equipe de cada telejornal, incluindo o JN?

Não teve nenhuma orientação especial. Eu pensei nesse formato de narração sequenciada e conversei com a minha chefia de Nova York, que era minha base. Eu já tinha visto numa reportagem do José Roberto Burnier, da Globo de SP, sobre uma enchente em algum país da América Central, e achei que isso facilitaria nossa vida.

Quando você estava gravando uma reportagem acompanhada do Luiz Cláudio Azevedo, o Rodrigo Alvarez utilizava outra câmera para gravar as próprias reportagens? O contrário também chegou a ocorrer?

Ele tinha uma câmera pequena e trabalhava sozinho, mas isso também aconteceu comigo várias vezes. Quando o Rodrigo precisava do Azevedinho, eu saía sozinha com a câmera pequena. Foi uma boa experiência.

Essa técnica de gravar o off durante a captação das imagens recebeu (ou recebe) algum nome específico, talvez até um jargão jornalístico?

Eu chamo de narração sequenciada, mas não sei se existe outra denominação.

Você se lembra de outro momento em que tal técnica foi utilizada durante alguma cobertura? Quais foram os motivos pelo uso na ocasião?

Já respondi numa pergunta anterior. Acredito que tenha sido pelo mesmo motivo, pra agilizar a edição.

E no caso das reportagens tradicionais, onde era gravado o off?

O off era gravado onde dava. Não tinha nenhum lugar específico.

Você acredita que o fato de haver mais passagens (e passagens não-tradicionais, mas dinâmicas, com o repórter andando em meio aos escombros, por exemplo) nesse tipo de reportagem, aliado ao off, que praticamente convida o telespectador a se manter atento aos detalhes que são mostrados – muitas vezes até com o uso da emoção –, contribui para um maior entendimento e fixação das informações transmitidas, na memória de quem assiste, por um período maior de tempo?

Eu acho que esse formato prende mais a atenção do público, porque o repórter parece estar conversando com ele. Fica mais solto, mais informal. Eu acredito que isso ajude a fixar mais as informações. E, por ser um formato não muito usado, atrai o interesse de quem vê pela primeira vez.

Em entrevista ao Bom Dia Brasil, em 25 de janeiro de 2010, você abordou as dificuldades da cobertura do terremoto e a emoção de ter ajudado no resgate da enfermeira

Jean Baptiste dos destroços em Porto Príncipe. Este teria sido o momento da cobertura que mais a marcou? Quais foram os outros?

Esse resgate foi o que mais me emocionou, porque levava esperança aos haitianos. Ainda era possível encontrar gente viva, mesmo vários dias depois do terremoto. Eu também participei de outro resgate, de crianças, que me deixou arrasada. Eles conseguiram salvar duas, uma de 14 e outra de 6, mas um menininho de sete não conseguiu esperar a chegada dos bombeiros. Foi duro assistir ao desespero da menina maior, gritando que o Kevin tinha morrido. Outro momento emocionante foi uma imagem que eu gravei com a câmera pequena dentro de uma igreja destruída. Tinha uma mulher rezando, chorando e dançando, agradecendo a Deus por estar viva.

Quanto ao modelo “diferenciado” de reportagem que foi produzido, o que você achou da experiência? Considera viável e interessante a utilização desse recurso em outras ocasiões? Quais?

Eu acho viável em qualquer situação na qual você tenha que economizar tempo. Só devemos nos preocupar com a banalização do formato, porque pode se tornar cansativo.

Como foi a repercussão, junto aos editores do Jornal Nacional, e mesmo aos editores dos outros telejornais da emissora e da direção de jornalismo de Nova York, das reportagens “diferenciadas” feitas por você e Luiz Cláudio Azevedo no Haiti (principalmente devido à participação mais incisiva do repórter no local dos fatos)?

Eles adoraram tudo e perceberam que isso facilitava na hora de editar. Era tudo muito precário e improvisado, e a gente tinha que tomar decisões em cima da hora, pra não atrasar o trabalho. Muitas vezes as matérias foram geradas com o Jornal Nacional no ar. Imagine o nível de stress! Recebemos muitos elogios pela cobertura.

Existe alguma espécie de planejamento na Rede Globo, de modo a tornar esse tipo de reportagem mais recorrente após ter sido utilizado na cobertura do terremoto?

Não conheço nenhum planejamento nesse sentido. Eu acredito que a decisão de usar esse formato tenha que ser tomada na hora do evento, pensando em agilizar e facilitar a cobertura. Se ajudar, será sempre muito bem-vindo.

ANEXO B – Textos das narrações sequenciadas analisadas

1) Panorama é de caos no Haiti (Lília Teles, 14/01/2010)

(Chico Pinheiro) – Diretamente de Porto Príncipe, os correspondentes Lília Teles e Luiz Cláudio Azevedo contam agora o que viram, ao chegar a uma cidade devastada pelo terremoto.

(Lília Teles) – Nós acabamos de pisar aqui em Porto Príncipe, e a primeira sensação é de que o mundo inteiro está reunido, tentando ajudar o Haiti, o país devastado pelo terremoto.

Poucos metros depois do aeroporto, a gente já encontra um cenário de caos, os carros passam abarrotados de gente, todo mundo procurando abrigo, muitas casas foram destruídas. Muitas dessas pessoas perderam tudo e nem têm “pra” onde ir. Por isso é que a rua fica assim, olha: cheia de gente andando “pra” lá e “pra” cá, procurando algum lugar “pra” ficar.

Desde terça-feira, a cidade de Porto Príncipe não tem água potável, não tem luz, os banheiros são daquele jeito ali, improvisados, e olha como é que as pessoas “tão” tentando se lavar, “que” usam essa água, que escorre na rua, “pra” se lavar, “pra” dar banho nos filhos...

Por toda a cidade de Porto Príncipe, o que a gente mais encontra são áreas como esta aqui, que se transformaram em abrigos dos moradores. São famílias inteiras dormindo em barracas improvisadas. Elas não têm água, não tem luz, desde terça-feira, depois do terremoto, elas também não têm o que comer. Muitas dessas passam necessidades... O governo também não tem como ajudar todas essas pessoas, e ajuda humanitária não dá “pra” todo mundo.

Essas pessoas conseguiram juntar pouca coisa depois que a casa desmontou e, olha só, elas pegaram poucos cobertores, lençóis, e é disso que elas vivem hoje, fizeram barracas improvisadas, onde estão famílias inteiras, mas não têm comida, não têm bebida, e ninguém sabe o que vai acontecer daqui “pra” frente.

A situação é difícil, mas ainda existe muita solidariedade. Olha só: restou pouca batata, algumas bananas, mas isso aqui vai ser distribuído... São milhares de famílias que estão aqui sem ter o que comer. Então, o pouco que eles têm é dividido, olha só: banana, pouca batata...

“No tiene nada, no tiene dinero, no tiene comida, porque los otros me ayudaran, los otros aquí, los otros botando patata, banana, para los otros comer, igual como pobrecitos.”

A gente “tá” chegando aqui, agora, numa casa que foi totalmente destruído “no” terremoto, a gente vai ver aqui... Olha, são tijolos de concreto, que ruíram, mas as pessoas

ainda estão ali dentro, as pessoas... Não tem medo? Toda essa parte aqui, toda essa parte foi destruída... A gente vai passar aqui com muita dificuldade, porque ainda existe o risco...

A gente vai tentando passar aqui... Os caminhos são perigosos, porque mesmo as casas que ficaram de pé estão com a estrutura bem fragilizada e correm o risco de cair, porque acontecem ainda pequenos tremores o tempo todo. A gente vai chegar aqui numa outra casa, muito destruída... Essa, sim, veio toda ao chão... Dá só uma olhada nisso. Olha só o que a gente viu aqui, então, essa casa veio toda ao chão, sobrou só isso... Agora, a sorte é que a família que morava aqui, ninguém morreu. Eles fugiram, não há mortos aqui?

“No hay nadie muertos, se salvaran, hay muchas personas que se salvaran.”

Aqui a gente vê a violência desse terremoto. Essa casa é bem rústica, é feita de madeira e de, de cimento. Ela não conseguiu resistir, a gente vê aqui as camas, a televisão, tudo destruído... Mas essa outra casa ao lado era muito mais forte, e a gente vê também os ferros retorcidos... Ela tombou totalmente “pra” frente, “havam” três pessoas aí dentro... O filho do dono da casa morreu com uma pancada na cabeça.

Entre tantas histórias dramáticas, “essa” senhora aqui está me contando que a filha dela e duas netas estão desaparecidas desde o dia do terremoto, e a única coisa que ela conseguiu encontrar sob os escombros foram essas sandalhinhas aqui, a da neta e a da filha.

O mais difícil é que essas famílias pobres, além de perderem a casa, perderem tudo, perderam também um pouco da esperança, e elas não sabem como vão reconstruir a vida, a partir de agora.

2) Aeroporto de Porto Príncipe vira base para jornalistas (Rodrigo Alvarez, 14/01/2010)

(Renata Vasconcellos) – Os correspondentes da Rede Globo já estão em Porto Príncipe e mostram, agora, a destruição na capital do Haiti. Eles encontraram um cenário de destruição no país devastado pelo terremoto.

(Chico Pinheiro) – Rodrigo Alvarez conta agora como é que conseguiu chegar lá.

(Rodrigo Alvarez) – São dez e meia da manhã, aqui em Santo Domingo, meio-dia e meia no Brasil. A gente “tá” nesse pequeno aeroporto, na tentativa de embarcar “pro” Haiti, “pra” Porto Príncipe. A gente não sabe, nem essas pessoas aqui sabem, quando vai ser possível embarcar, porque o aeroporto de lá “tá” um caos.

A gente “tá” levando, entre outras coisas, um telefone-satélite, porque a gente não tem certeza se vai ser possível falar pelo telefone celular, provavelmente não, e esse telefone conecta de qualquer lugar. Bom, a gente tem que ir.

“Pra” se ter uma ideia do aperto que a gente “tá” aqui no helicóptero, embarcando “pra” Porto Príncipe, cinco pessoas: nós três da TV Globo e dois de uma equipe de televisão japonesa.

Essa é a primeira imagem que a gente tem da cidade, na verdade do aeroporto, que foi tomado por helicópteros que chegam de várias partes “pra” oferecer ajuda. E essas são as imagens do improvisado aqui no aeroporto. A imprensa do mundo inteiro se instalando, “pra” enviar informações “pra” várias partes do mundo, e de várias maneiras: até sentado no chão.

Equipes de resgate mal desembarcam e já começam a se preparar aqui mesmo, no asfalto do aeroporto.

Esse exército de cães aqui na frente veio de Miami “pra” ajudar no resgate das vítimas e também dos sobreviventes.

Mantimentos vêm chegando de todas as formas, transitando por um aeroporto que não foi preparado “pra” isso. O Haiti foi pego de surpresa, não havia nenhum plano de emergência... Ninguém sabe exatamente o que fazer com todo o equipamento, todo o mantimento que chega de várias partes do mundo.

3) Porto Príncipe tem milhares de desabrigados, sem água e sem comida (Lília Teles, 15/01/2010)

(Chico Pinheiro) – O Haiti pede socorro. Nossos correspondentes percorreram a capital, Porto Príncipe, onde milhares de pessoas estão desabrigadas, sem água e sem comida, sem ter onde ficar.

(Renata Vasconcellos) – Os enviados especiais da Rede Globo Lília Teles e Luiz Cláudio Azevedo mostram agora o esforço desesperado dos voluntários e das equipes de resgate brasileiras em Porto Príncipe. Elas lutam contra o tempo “pra” encontrar sobreviventes nos escombros.

(Lília Teles) – A gente andando, aqui pela cidade, a cena é tão triste, a gente encontra ainda corpos sob os escombros, a gente consegue ver pedaços desses corpos sob os escombros. Belé foi um dos bairros mais afetados pelo terremoto, o epicentro do terremoto foi a poucos quilômetros daqui, e “essa” área é difícil encontrar algum prédio que não tenha sido

destruído. A gente vê os moradores, estão ainda tentando, eles próprios escavando, tentando encontrar alguma coisa... A gente vê restos de corpos “pra” todo lado.

Essa é uma área muito pobre e que foi muito afetada pelo terremoto. As pessoas estão aqui, espalhadas “pra” todo lado, andando pelas ruas. É um cenário de muita dor, um cenário de muito sofrimento, é uma tristeza, as pessoas que não sabem o que fazer da própria vida. A gente vê, aqui, “tem” milhares de pessoas espalhadas, esperando alguma posição do governo, com relação a casa, com relação a abrigo, com relação a comida.

A gente vai tentar encontrar, são várias pessoas aqui, trabalhando no resgate, as máquinas já retiraram uma parte dos escombros, e, agora, os moradores estão tentando ajudar, tentando ver se encontram algum corpo... As máquinas trabalharam, aqui, nesses escombros, e, agora, as pessoas estão tentando ali, com as próprias mãos, encontraram mais corpos, “tão” tentando retirar...

As equipes de resgate não conseguem chegar a todos os lugares, e eles ainda têm esperança de encontrar alguém com vida, debaixo desses escombros, mas com o passar do tempo vai ficando cada vez mais difícil. Aqui, eles acabaram de encontrar dois corpos e, ali, existem outros, também sob os escombros.

Nessa casa, aqui, que foi totalmente destruída, amassada, eles ainda tinham esperança, mas ficam esperando, esperando... As equipes não chegam, e eles próprios começam a fazer esse trabalho, mas já sem muita esperança. Os próprios moradores atuam como voluntários. Além de escavar, de encontrar os corpos, eles também se encarregam de cobrir esses corpos. Esse senhor traz um lençol, “pra” ser jogado sobre mais uma vítima do terremoto.

Aqui, uma das cenas mais tristes dessa cidade: corpos espalhados, “tem” corpos jogados aqui. Um cheiro muito forte, as pessoas vão tapando o nariz, já é cheiro de morte espalhado por toda Porto Príncipe. Nós acabamos de passar por dois corpos, ali na calçada, e olha os carros, as pessoas tentando sair desse cenário de caos. Aqui deve “ter”, no mínimo, umas setenta pessoas, dentro desse caminhão, espremidas ali. É a forma que eles encontram de tentar fugir, de conseguir sair dessa confusão que virou Porto Príncipe.

4) Acompanhe um resgate emocionante de uma sobrevivente em Porto Príncipe (Lília Teles, 15/01/2010)

(Renata Vasconcellos) – Você vai ver agora as imagens impressionantes de um resgate em Porto Príncipe, a cidade devastada pelo terremoto.

(Chico Pinheiro) – Os nossos repórteres acompanharam o trabalho dos soldados brasileiros, soldados que integram a Força de Paz das Nações Unidas, lá no Haiti.

(Renata Vasconcellos) – Os enviados especiais Lília Teles e Luiz Cláudio Azevedo encontraram uma sobrevivente que estava debaixo dos escombros.

(Lília Teles) – “Pra” todo lado, pessoas assim, desesperadas. “Pra” todo lado, pessoas desesperadas, esperando socorro... “Tá” vivo? Será que “tá” vivo? Dá uma paradinha, aqui, dá uma parada, dá uma parada!

Aqui, o desespero das pessoas. Existe uma pessoa, aqui, sob os escombros, e que pode estar viva. Eles tentam retirar, eles tentam retirar ali, e com as próprias mãos. É um desespero tão grande... Eles tentam, eles tentam tirar os escombros, tirar os pedaços de pedra. Eles ouviram alguma coisa, eles ouviram alguma coisa e “tão” aí com a esperança de encontrar um sobrevivente. É uma luta, é uma luta constante, é uma luta diária. Pediram silêncio agora...

Vivo! Tem gente viva aqui, tem gente viva! Tem gente viva aqui, ainda. O soldado do exército brasileiro ouvindo, ouvindo a voz... O pedido de socorro... O pedido de socorro da pessoa.

“É uma mulher. ‘Tá’ exatamente aqui, ‘tá’ aqui, debaixo de mim.”

Uma pessoa, então, pedindo socorro. Ele consegue ouvir, o soldado...

“Are you OK? Are you OK? Ela ‘tá’ bem, ela ‘tá’ bem, ela ‘tá’ bem. Ela ‘tá’ aqui, ela ‘tá’ aqui. A mão dela... Eu ‘tô’ com a mão nela.”

Tu “consegue encostar nela”?

“Ela ‘tá’ segurando minha mão aqui. ‘Tá’ segurando, ‘tá’ bem, ‘tá’ bem. Are you OK? Ela ‘tá’ bem, ela ‘tá’ com força na mão.”

Quase quatro dias depois do terremoto, ainda há alegria de encontrar uma pessoa viva sob os escombros. Muitos mortos, mas ainda há esperança disso. Então, por isso que os moradores ficam tão desesperados, porque existe essa, ainda essa chance de encontrar vivos, aqui.

“Ela ‘tá’ numa espécie de um casulo aqui, ó. Eu acho que é um armário, ela ‘tá’ dentro, debaixo de uma mesa, alguma coisa... OK!”

Vou ver se eu consigo enxergar... Ó, eu consigo ver a mão dela daqui!

A gente vai sair aqui, agora, dessa área, porque o mais importante é tirar essa senhora com vida. Ela resistiu desde terça-feira, aí, depois do terremoto. É uma enfermeira, aqui funcionava um pequeno hospital, e ela conseguiu então resistir todos esses dias. Eles “tão”

tirando aos poucos os escombros, ali, os pedaços de pedra... Ela trabalhava com esse senhor, que é médico. O senhor trabalhava... “She worked” with you?

“Yes, my name is doctor [...]. She works in hospitals, ok? She is a nurse, her name is miss Jean Baptiste, ok?”

O nome dela é senhora Jean Baptiste, é uma enfermeira, que trabalhava com esse médico aqui...

Tá dando um pouco de água “pra” ela, ela consegue sugar bem...

Os bombeiros já conseguiram, então, tirar quase todo o corpo da mulher, já conseguiram desenterrar o corpo dela... Ela agora mexe com as mãos, ela está viva, ela dá um tchauzinho, ali, “pra” gente... Nesse hospital funcionava um centro materno-infantil, com muitas mulheres grávidas e muitos bebês, e ela era uma enfermeira que trabalhava aqui. O nome dela é senhora Jean Baptiste, trinta e seis anos. Então, é uma mulher que sobreviveu... São quase três dias depois do terremoto: terça-feira; quarta-feira; hoje, sexta-feira, já, mais de três dias, e ela continua viva. É isso que “inda” dá esperança “pras” pessoas.

5) Porto Príncipe vive situação caótica depois de terremoto (Rodrigo Alvarez, 15/01/2010)

(Chico Pinheiro) – Como nós vimos aqui no Jornal Nacional, a capital do Haiti, Porto Príncipe, está aos pedaços.

(Renata Vasconcellos) – O enviado especial Rodrigo Alvarez testemunhou a situação caótica da cidade e a ajuda dos militares brasileiros.

(Rodrigo Alvarez) – A gente “tá” saindo, aqui, da base militar do exército brasileiro, em Porto Príncipe. São mais ou menos nove da manhã, e a gente parte, acompanhando uma patrulha de segurança, a caminho do centro da cidade.

Aqui à direita, um prédio destruído pelo terremoto e, do outro lado da rua, um hospital claramente ameaçado, com partes destruídas, onde, ainda, apesar da precariedade, existe algum tipo de serviço: ambulância saindo, haitianos chegando... A população ainda recorre ao hospital, mesmo que a placa, tudo que sobrou dela, seja isso que a gente “tá” vendo aqui.

Toda essa área “que” a gente “tá” aqui é uma vala comum, que foi cavada ontem, no meio da rua, onde, segundo o relato de militares brasileiros, estão enterrados quarenta corpos.

No caminho, a imagem mais comum é de haitianos caminhando, aparentemente sem destino... Agora, a gente passa por um engarrafamento. Muitos carros tentando deixar o país;

falta combustível; grandes filas; caminhões lotados de haitianos que tentam sair do Haiti, provavelmente rumo a Santo Domingo, que é o único país que é possível acessar por terra.

Aqui, hoje, funciona como uma espécie de rodoviária, “onde” os haitianos vêm à procura de caminhões que possam levá-los, levá-los “pra” fora da cidade. Esses homens de cima do ônibus pedem água. É uma grande confusão nessa área. Esse aqui é, hoje, um dos pontos de maior aglomeração de haitianos, principalmente porque eles vêm em busca de ajuda, de água, comida...

Postos de gasolina vazios, porque simplesmente já não há combustível.

Esse aqui foi o cenário da maior tragédia brasileira no terremoto do Haiti. Dez soldados brasileiros morreram no desabamento “dum” prédio que, normalmente, tinha três andares. Eu “tô”, agora, aqui, provavelmente, onde ficava o segundo piso. Aqui acima, o terceiro piso, mas tudo foi destruído, o prédio veio abaixo. Naquele momento, havia dezesseis soldados brasileiros aqui dentro. Seis foram resgatados com vida.

“É alegria muito grande saber que um companheiro “tava” salvo com vida e que a gente conseguiu salvar alguém.”

Daqui “pra” frente, a gente precisa usar máscara, porque muitos corpos estão em estado de putrefação, aqui embaixo dessas construções. Daqui “pra” frente, é uma situação mais complicada do que a gente viu até agora.

A gente se aproxima, aqui, do palácio presidencial de Porto Príncipe, mais um cenário de devastação. Muito cheiro, cheiro forte nas ruas. Não “tem” banheiro, não “tem” nenhum tipo de condição de higiene na cidade, a população faz as necessidades muitas vezes na rua.

A gente finalmente chega aqui a uma área que, antes do terremoto, já era conhecida como Cozinha do Inferno, porque aqui funcionava um grande mercado e, no momento da tragédia, havia milhares de pessoas aqui.

“A preocupação maior agora é fazer chegar água, alimentos... Água, alimentos e medicamento à população.”

Esse grupo de haitianos costumava acompanhar o exército brasileiro aqui, eles aprenderam a falar português. Eles “tão” sem casa, muitos perderam a família, não têm água, não têm comida... Johnny conta que perdeu os pais, e Robenson Bibi faz um apelo “pros” brasileiros.

“Brasileiros ‘quer’ ajudar haitianos.”

Você pede aos brasileiros “pra ajudar”?

“Isso, porque ‘tem’ muita gente ‘lá’ no Haiti que morreu e que ‘machucaram’...”